

DE WEIMAR AO NAZI-FASCISMO: (DES)ORDEM E VIOLÊNCIA SOB O CAOS¹

Roberto Bueno*

A linguagem sempre revela o que uma pessoa tem dentro de si e deseja encobrir, de si ou dos outros, ou que conserva inconscientemente.

Viktor Klemperer

RESUMO

O primeiro passo proposto por este texto é circunscrever e analisar alguns dos elementos que corroboraram a ruína da República de Weimar e a ascensão do nacional-socialismo. Este artigo tem como objeto a análise das estratégias do nazi-fascismo para alcançar o poder conectado ao poder do capital e as grandes corporações, a direita autoritária conservadora e, paralelamente, como estas forças solaparam a República de Weimar para, logo, pavimentar

¹ Este texto pertence à linha de pesquisa em curso sobre a teoria legal e política do nacional-socialismo, conexas ao doutoramento e pós-doutoramento de seu autor. Derivação específica desta linha de pesquisa foi trabalhada inicialmente em conferência sobre o fascismo e suas variáveis clássicas e contemporâneas pronunciada na Faculdade de Direito da FURG no mês de novembro de 2018, motivo pelo qual volto a manifestar meu penhorado agradecimento pelo convite e gentil acolhida naqueles difíceis dias pré-eleitorais que já antecipavam o quão difíceis seriam os tempos vindouros. O presente texto é uma versão bastante abreviada de capítulo de livro ora em elaboração sobre a teoria jurídico-política do nazi-fascismo.

* Professor Doutor Associado I. Faculdade de Direito da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) no Curso de Graduação. Professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade de Brasília (UnB). Doutor em Filosofia do Direito pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestre em Filosofia do Direito e Teoria do Estado pelo Univem (Marília/SP). Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Especialista em Ciência Política e Direito Constitucional pelo Centro de Estudos Constitucionais de Madrid (CEC). Pós-Doutor em Filosofia do Direito pelo Univem (Marília/SP). Graduado em Direito pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). E-mail: rbueno_@hotmail.com

o enraizamento cultural dos valores modelares do nazi-fascismo inspiradores do novo modelo de Estado com poderes extremamente concentrados tal como ocorreu imediatamente após o falecimento de von Hindenburg. Este artigo propõe a análise das forças culturais e instrumentos políticos e oferecer uma prévia interpretação sobre as inauditas e sofisticadas formas de influência social das mensagens ideológicas e culturais do regime nazi-fascista e que dinamizou o desapareço popular pela República de Weimar e a antecipação da ultimação de seu processo corrosivo, permitindo o questionamento sobre as omissões históricas de massa considerável com as conhecidas trágicas consequências. A justificativa deste artigo pode ser observada na notável importância das vibrações dos fundamentos do nazi-fascismo clássico quando contraposto ao sucesso eleitoral de determinadas opções políticas afinadas com tal tipo de precedentes ideológicos que impõe o questionamento dos tempos de recrudescimento das estratégias globais de poder em que forças neofascistas ameaçam a democracia em sua formatação clássica liberal e suas expectativas de avanços qualitativos a partir dos pressupostos estabelecidos no pós-Segunda Grande Guerra. O objetivo superior deste artigo é chamar a atenção para o modelo nazi-fascista e suas estratégias de poder e permitir ao leitor percorrer os caminhos analíticos que obstaculizam a pavimentação de novas vias para o sucesso do velho mal quando facilita o reconhecimento das novas faces de velhas e nefastas ameaças às democracias. Ao longo do artigo apresentei algumas das várias estratégias de mobilização cultural, política e ideológica nazi-fascista no sentido de colonizar mentes e corações para controlá-los da forma mais eficaz possível, a saber, através das motivações do próprio indivíduo.

PALAVRAS-CHAVE: República de Weimar. Nazi-Fascismo. Autoritarismo. Totalitarismo. Nacional-socialismo.

FROM WEIMAR TO NAZI FASCISM: (DIS)ORDER AND VIOLENCE BELOW THE CHAOS

ABSTRACT

The first step proposed by this article is to circumscribe and to analyse some elements which reinforce the overthrow of the Weimar Republic and the rising of the National Socialism. This article has as object the analysis of the nazi fascism's methods to achieve the power connected with the capital and the big corporations, the right-wing conservative and authoritarian, and at the same time acting together as forces which undermined the Weimar Republic, and, so, paved the root of pattern cultural values of nazi fascism which inspire the new model of State with its powers exceedingly concentrated as it happened immediately after the decease of von Hindenburg. This article proposes the analysis of the cultural powers

and political devices to offer a previous interpretation on unheard and sophisticated means of social influence of the ideological and cultural messages of the nazi fascism regime which stimulated the popular disregard by the Weimar Republic and the anticipation of its corrosive process, which allows the quarrel on the considerable mass historical default with the very knowed tragic consequences. The justification of this article is observed in the extraordinary importance of the vibration of the foundations of classic nazi fascism when it's opposed to the electoral success of certain policy options tuned with that kind of ideological precedentes which requires the questioning times of resurgence of global strategies of power in which neo-fascists threaten the democracy in its classical liberal appearance and his hopes of qualitative advances since the established premises in the post-Second World War. The most relevant purpose of this article is draw attention to the nazi fascist model and its strategies of power and to allow the reader to course the analytical paths which obstruct the pave of new ways to the success of the old devil when it make easier to recognize the new faces of the old and malign threat to democracy. Along this article I introduced some of the several strategies of cultural mobilization, political and ideological nazi fascist in the sense of colonize minds and hearts to control them in the most effective way as possible, namely, through the motivations of the individual himself.

KEY WORDS: Weimar Republic. Nazi Fascism. Authoritarianism. Totalitarianism. National Socialism.

INTRODUÇÃO

A discussão sobre o estágio do nazi-fascismo à partida sugere a proposição sobre a possibilidade de que seja pensado para além daquela quadra histórica em que emergiu no conflitivo contexto pós-Segunda Grande Guerra Mundial na Itália e na Alemanha no primeiro quarto do século XX. Inicialmente é indispensável colocar em causa a possibilidade da emersão de novas formas de fascismo² ou, ainda, se nenhuma outra poderia ser suscitada para além de sua ocorrência clássica, embora seja notável a proximidade

² Malgrado a impossibilidade de propor a análise neste momento, importa considerar a amplitude da discussão sobre as possíveis formas de reaparição histórica do fascismo, respeitadas as suas diferenças relativamente aos seus modelos originários da primeira metade do século XX. Ver LÖWY, (2015, p. 654).

com as formulações clássicas no que concerne a organização para realizar o mal através da implementação de regimes políticos comprometidos necessariamente com uma estrutura descritível como de ilicitudes legalizadas.

Há quase 100 anos o Ocidente observava os primeiros rumores e desestabilizações provocadas pela mobilização de forças que a médio prazo articulariam o regime nazi-fascista alemão, muito embora ele não tenha sido fruto direto de uma específica e determinada constelação, mas de um complexo conjunto que incluiu a gravíssima crise de 1929, que emprestou expressiva carga da necessária força para criar as condições que permitiriam ao nacional-socialismo embalar a sua expansão eleitoral. As condições de deterioração da vida política e partidária alemã foram sendo consolidadas desde há pelo menos cinquenta anos, quando os partidos de esquerda e direita mostravam sucessivamente a perda de apoio eleitoral, notavelmente a partir das primeiras eleições da década de 1920 até o início de 1930, quando, então, o radicalismo extremista de direita do NSDAP (Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães)³ começou a operar desde uma posição central no panorama político alemão.

Vencida a sua maior tragédia o Ocidente passou a compartilhar visão e certo conjunto axiológico em matéria cultural tanto quanto em política, o que sustentou os seus regimes políticos orientados para as liberdades, o bem-estar popular e para a restauração e qualificação dos emergentes sistemas democráticos, conjunto de valores que habitavam moderadamente a tradição constitucional brasileira⁴ com signos expressivos de materialização

³ Hitler juntou-se ao *Deutsche Arbeiterpartei* (DAP), o Partido dos Trabalhadores Alemães, em setembro de 1919, sendo apenas no ano seguinte que a sigla foi alterada para NSDAP.

⁴ Mais recentemente, a partir de 1934, certos valores liberais habitaram de forma mais consistente a tradição constitucional brasileira, mas não sem a incidência autoritária como ocorreria apenas três anos após, em 1937, sob o Estado Novo no consórcio político-jurídico de Getúlio Vargas e Francisco Campos (ver BUENO, 2019). Logo ocorreria a retomada de seu curso democrático em 1946, mas que não ultrapassaria o período de 1964, dado o golpe de Estado e a legislação que suspendia o Estado democrático. Esta situação prevaleceu até que fosse alcançada a normalidade democrática a partir da Constituição de 1988, sucedida em 2016 por nova ruptura democrática e Constitucional pela mobilização das forças da direita

na Carta de 1988. Desde o final da Segunda Grande Guerra Mundial, sem embargo, foi minimizada a percepção de que todas as ideias e ideais permanecem plenamente vivos, o que alimentaria lentamente a possibilidade da gestação do mal.

Nos dias correntes o capital promoveu o divórcio das políticas públicas e as políticas de bem-estar, e sob tal circunstância proliferaram arranjos extremistas autoritários de extrema-direita articuladores da insatisfação da elite com os perfis estatais jurídico-políticos e constitucionais comprometidos com arranjos e práticas social-democratas, mesmo quando em moderada escala. O *welfarismo* está sob intenso ataque das forças de extrema-direita que alimentaram a emergência do neofascismo hoje em ebulição e crescimento eleitoral – malgrado ainda não observemos a massividade comparável ao fenômeno do NSDAP (cf. LÖWY, 2015, p. 654) – associado às forças imperiais cujos interesses exclusivos e excludentes são de corte econômico, e expropriatório das riquezas de Estados de militarização e força geopolítica insuficiente, e isto forja um cenário de duríssima crise econômica e sociopolítica que alimenta consequências politicamente deletérias, sendo este o caso alemão, hipótese sublinhada por Fritzsche (2006, p. 160) quanto a que avanço do nacional-socialismo esteve inegavelmente ligado à crise agrária, mas, sobretudo ao desemprego de milhões durante mais de dois anos e recessão comercial.

Durante a década de 1920 foram sendo lentamente forjados os tempos em que a instabilidade atingiu notas superlativas conducentes ao caos, divisa histórica em face da qual a disposição para a aceitação do terror era maior, contraposto ao mundo real e, logo, avaliado como mal menor enquanto fonte de poder supostamente idônea (re)instaurar a ordem. Sob o firme propósito de concretizar o domínio (neo)fascista, hoje é a crítica direta à tortura e à defesa da ordem constitucional que resultam funções políticas estranhas, mas não a defesa da ignominiosa tortura, ou de espancamentos e discriminações, nem sequer a omissão relativamente a toda sorte de opróbrios e ilegalidades como perseguições e fuzilamentos à luz do dia, bem como tampouco causa espécie ou interesse as condenações

autoritária brasileira, historicamente comprometidas e ansiosas pela realização de golpes de Estado contrários ao estabelecido nas urnas pelo povo brasileiro.

judiciais desprovidas do devido processo legal. Inversa e duramente, a cultura da destruição do país e de sua gente é acionada através de chave que naturaliza a morte e o extermínio, para o que é estratégico o uso do elogio ao crime e à barbárie como instrumentos de suposto combate ao mal. Sob este signo é que expõe à ira e expõe à perseguição pública dos resistentes, mesmo que amplos segmentos populares. Assim se afirma a via da necropolítica.

Não por acaso está colocado o debate teórico sobre a correção de analisar a presença do fascismo nos dias correntes ou se sua existência seria vinculada à forma e clássica aparição na primeira metade do século XX em seu contexto europeu. Nos dias correntes são muitas as autoridades políticas que associam-se à substância pantanosa das piores versões do anti-humanismo que habitou o núcleo duro do fascismo clássico, aqui sucedido cronologicamente por uma nova versão denominável como neofascismo, ora aliada a uma nova construção ultraconservadora estimuladora de políticas penais repressivas violadoras de direitos humanos ao estilo totalitário fortemente calçada em elementos teológico-autoritários⁵ que rompe com o pacto civilizatório-humanista do pós-Segunda Grande Guerra Mundial, daí emergindo poderes marcados por vulgar selvageria tanto em suas concepções como em suas ações.

A importância da análise sobre os elementos fundantes do nazi-fascismo do século XX proposta por este artigo espera colaborar para evidenciar e tornar mais claramente perceptíveis as suas estratégias de mobilização e formas de eclosão histórica. A partir da perspectiva de recrudescimento de valores nucleares do fascismo clássico. Este momento apresenta o mais dedicado esforço e conjunção de atores políticos e econômicos para suplantar o arranjo do pós-Segunda Grande Guerra Mundial, quando foi forjado amplo consenso pós-positivista com inserções jusnaturalistas derivadas diretamente do horror nacional-socialista. Na quase totalidade dos países ocidentais formou-se um profundo e bem assentado consenso anti-fascista.

⁵ Não disponho do necessário espaço para explorar o conceito de teologia autoritária em sua ampla complexidade neste texto. Para cumprir esta lacuna remeto o leitor(a) a livro de minha autoria de iminente publicação intitulado “*A teoria legal do nacional-socialismo*”.

A importância de trazer à discussão o fascismo clássico e aqui especificamente em sua versão alemã é evidente para todos os que dedicam mesmo modesta atenção ao cenário político e geopolítico, quer em sua dimensão regional, continental ou global. Pergunta inicial autoevidente é sobre os motivos da exitosa reaparição do nazi-fascismo, mesmo que, como seria de esperar, sob fórmula fugidia ao seu modelo clássico, embora não menos patológica e fatal para as massas, e que foi viabilizado, ao menos parcialmente, a partir da falência das promessas liberais, processo que não ocorreu naturalmente, senão que foi forjado.

Em todos os espaços de avanço nazi-fascista é notável como se avolumam forças antidemocráticas e antibolcheviques voltadas a orientar a aplicação material de suas políticas de forma absolutamente indiferente aos propósitos da massa da população. Exemplo disto é a configuração da política econômica e suas nefastas projeções sobre a previdência social, a saúde e a educação, mas não menos intensamente sobre a estrutura dos poderes, Judiciário e Legislativo, porém, nada disto seria possível sem uma forte estratégia de manipulação midiático-publicitária, tamanha a imposição da força. Estas forças dispostas a aprofundar os já consideráveis limites da *desrazão* e do mal, que dialogam com seus antecedentes fascistas, que buscam encontrara espaço para reverter a condenação político-ideológica do pós-Segunda Grande Guerra Mundial.

É grave erro histórico supor que as ideias e ideais perecem, mesmo quando sofram chamativas derrotas históricas. O desprezo pela potência e resiliência de ideias e ideais representa sério desafio para os avanços civilizacionais na medida em que cerra os olhos e obsta a análise do experimento humano, e neste sentido é que sugerimos a importância de retomar a *Weltanschauung* de Hitler. Para cumprir tal finalidade recorreremos também às pouco consideradas linhas hitlerianas que malgrado dificilmente questionadas em sua debilidade, são referenciais importantes para o objeto em questão e para compreender o alcance do discurso político do fascismo alemão.

Convergimos com Blanc (2013, p. 189) ao sustentar compreender “[...] perfectamente el rechazo psicológico que pueda provocar una ideología que fomenta el odio hacia un grupo humano, pero consideramos que un trabajo de carácter científico debe superar

dichos prejuicios y analizar tanto las ideologías de la paz como las ideologías del odio”, e o *Mein Kampf* é, indubitavelmente, um exemplo maior deste ódio. Neste sentido retornar a alguns dos textos fundadores nazi-fascistas evidencia enorme utilidade para ampliar nossa possibilidade de compreensão contemporânea do fenômeno.

Os valores de fundo que sustentaram este compartilhamento foram pedra angular da Declaração dos Direitos dos Homens de 1789, e foram observados também os seus desdobramentos constitucionais em 1791 na França, mas também com ecos no Código Bávaro de 1813 sob a formulação legal de Feuerbach (*nullum crimen sine lege, nulla poena sine lege*). Este conjunto de valores civilizacionais logo seria amplamente recepcionado pela Constituição de Weimar em 1919 e seu considerável elenco de direitos e liberdades logo inviabilizados pelas circunstâncias concretas da economia impostas à vida ordinária (cf. SANTOS, 2014, p. 119), que logo se espraiaria em outras cartas constitucionais, e que seriam alvo direto de ataque por parte da então emergente cultura política conservadora e autoritária que alimentava o tempo e colocava as condições de possibilidade para a ascensão do regime nacional-socialista.

É preciso retomar a análise do fenômeno ascensional do nacional-socialismo em suas matrizes teóricas, posto que nestes textos como os de Hitler e Rosenberg são apresentadas as linhas gerais do sistema nacional-socialista em que se configuram as categorias e conceitos que alimentariam a teoria legal e política nazi-fascista, cujas decisões centrais foram tomadas segundo as estritas determinações do *Führer* (cf. JÄCKEL, 1972, p. 35). A este respeito convergimos com a análise de Blanc (2013, p. 187), para quem de modo algum a doutrina jurídica do nacional-socialismo é hoje desconhecida nos meios especializados, mas que, sem embargo, é preciso sopesar que tampouco alcançou o nível de disseminação necessária a ponto de que o seu adequado conhecimento seja oponível como barreira de contenção eficiente o rebrote de fenômenos similares.

Os termos conceituais até então em vigor naquela quadra histórica projetavam-se na esfera jurídica, que precisaria ser combatidos e derrotados totalmente pelo nacional-socialismo. Deriva disto que a teoria legal do regime precisaria não apenas atacar como derrotar completamente e, assim, abolir o princípio da legalidade, viabilizando a consolidação de sua política através da revolução

dos princípios do direito e da administração da justiça. Assim, ao realizar este movimento, o nazi-fascismo centralizava aspecto conceitual essencial para a reforma do direito penal alemão (cf. PREUSS, 1936, p. 848). Esta transformação pode ser compreendido à distância da lógica de fundo articulada em torno à idealização dos princípios filosóficos inspiradores do nacional-socialismo, tais como a seca e depauperada crença na supremacia dos povos indoeuropeos e ário-caucasianos, aliás, bastante disseminada por toda a Europa em sua política colonizadora em curso há séculos sob diversas formas.

O *racionalismo* foi o pretexto perfeito para a magnífica expropriação econômica, o que na versão nazi-fascista alemão não seria de todo afastada em sua aplicação aos judeus, mas ampliada em estratégia política mobilizadora contra o *inimigo*. A versão racialista do nazi-fascismo centralizaria o elemento pureza do sangue como designador da superioridade ária, suporte para a instauração de uma nação virtuosa capaz de transmitir e impor ao resto da humanidade os seus valores superiores germânicos. Este foi o grande eixo sobre o qual deslizam os conceitos e práticas do nacional-socialismo que foram gestados e sofisticados ao longo das últimas décadas do século XIX fora da Alemanha e nas primeiras do século XX já em seu interior.

Ao evitar realizar análise etimológica do nazi-fascismo, isto não implica desconhecer eventuais problemas ao respeito. O objetivo deste texto ao recorrer a algumas das fontes seminais do nazi-fascismo foi desobstruir o acesso para a melhor compreensão da argumentação da direita radical e autoritária em seu esforço por solapar a República de Weimar sob a sombra da perda de legitimidade pela legalidade, e assim potencializar social e politicamente a emergência do nazi-fascismo, o que igualmente instrumentaliza a contemporaneidade a descortinar as suas possíveis e ameaçadoras linhas de reaparição histórica.

Desenhada nesta introdução a importância de analisar o tema, este texto tem como objeto a tentativa de descrever os pontos essenciais do fascismo a partir de uma perspectiva jurídica e da política mobilizando elementos da psicologia e da filosofia, mas perpassados pela análise política também deteremos alguma atenção na perspectiva nazi-fascista de escritos de Hitler, indispensável para a compreensão das forças que derrubaram a democracia weimariana e aplainaram a trilha para a ascensão do regime nazi-fascista.

1. A CORROSÃO DA REPÚBLICA E A HOMOGENEIZAÇÃO CULTURAL COMO ESTRATÉGIA DO PODER

As ideologias não apenas não sucumbem como as suas propriedades, conceitos e categorias, dispõem de singular capacidade de ganhar o mundo da vida, e perseguem os seus fins mais caros, sobretudo quando encontram épocas em que os indivíduos recuam e deixem de tensionar para conter o avanço de ideologias fascistas. A Alemanha soube disto, e mesmo em sua primeira aparição tudo ocorreu rapidamente, por exemplo, “[...] after January 30, 1933, Germany witnessed a transition from a parliamentary system (or what was left of it) to dictatorship in the space of a few months” (STOLLEIS, 1998, p. 12), e consigo levava não poucas referências das aspirações que haviam embalado o nacionalismo alemão de 1914 (ver KERSHAW, 2016). A transição do regime parlamentar expresso pelo *Reichstag* para uma ditadura foi testemunhada pacificamente assim como apoiada cientificamente por ampla gama da intelectualidade.⁶

Mais precisamente a partir de 14 de julho de 1933, então, um pacote de decretos estabilizaria o ordenamento jurídico nacional-socialista (cf. KOONZ, 2005, p. 71), o que logo foi confirmado no plano político com as declarações públicas de Hitler sobre o fim do período “revolucionário” do regime, pois era indispensável que o regime encontrasse imediatamente um ponto de estabilização relativamente a profundidade das alterações inicialmente anunciadas, e que em um ponto de viragem pré-ordenado e previsível, passaria a orientar esforços para assegurar as melhores oportunidades para os seus associados capitalistas, e que a partir da ascensão ao poder encarnaria a função de eixo de sustentação econômica do regime e, por conseguinte, política. Neste sentido, em julho de 1933, Hitler deixou claro que a “[...] Revolution had come to its end” (LOEWENSTEIN, 1944, p. 27). Através disto deparamos

⁶ No que concerne ao apoio de intelectuais ao regime, foram muitos e de estatura elevada, tais como Heidegger e Schmitt, capaz de escrever o *Der Führer schützt das Recht*, cujo objetivo foi o de legitimar as centenas de homicídios ordenados por Hitler na conhecida *Nacht der langen Messer* (*Noite das facas longas*). A respeito da construção teórica schmittiana sobre a ditadura, ver DINER, (2006, p. 26-48), assim também, ver MEIERHENRICH, SIMONS, (2016).

com contradição ao menos parcial, entre o que foi o nazi-fascismo enquanto movimento ideológico de extrema-direita orientado à tomada do poder e o que representou enquanto como regime político estabelecido que, efetivamente, guardaram diferenças, evolução notável desde os primórdios da década de 1920 (cf. CAMPDERRICH BRAVO, 2014, p. 29).

Este perfil seriocaracterístico da etapa hitlerista no poder justo ao anunciar que os propósitos revolucionários que eficazmente foram colocados para embalar o imaginário de seus apoiadores no concernente à uma Alemanha racialmente “purificada”,⁷ então, haveria de encontrar um ponto de detenção ainda mesmo antes de que o regime pudesse empreender aquelas anunciadas como as suas mais ousadas reformas que implicavam atingir o *establishment*. A rigor, o fato é que este processo de superação do momento de ascensão ao poder e das estratégias necessárias para isto passavam a ser disfuncionais para a manutenção do poder, e liberar-se da retórica política pré-regime era essencial, e Hitler compreendeu isto, o que deixou suficientemente claro na *Nacht der langen Messer (A noite das facas longas)*.

Estabelecido no poder, foi notável como grandes empresas da dimensão de Thyssen (expropriada pelo regime em 1939), I.G. Farben – na qual Primo Levi (ver 2019) prestou serviços na condição de escravo –, Daimler-Benz, Siemens e Krupp, que em momento algum sofreram com as políticas nacional-socialistas, senão que aumentaram notavelmente os seus benefícios, isto sim, sem que tal boa sorte e frutos conectassem com a realidade dos trabalhadores. O discurso antiburguês e anticapitalista do nazi-fascismo estava orientado ao combate à democracia liberal, mas logo seria matizado quando o poder estivesse concentrado no *Führer*. A elite continuou a prestar o seu apoio aos nacional-socialistas, embora os desprezasse por seu muito precário acultramento, em face de sua ponderação de que, logo chegados ao poder, poderiam ser controlados por esta elite bem educada (cf. EVANS, 2014, p. 535), em suma, eram violentos e perigosos úteis para alcançar o poder que a elite não conseguia, mas, uma vez no poder, a intelectualidade seria capaz de dar a condução e linha política.

⁷ Para a aproximação a uma literatura da realização do imaginário nazi-fascista de uma comunidade racial (*Volksgemeinschaft*) livre de judeus, ver CONFINO, (2016).

O processo de benefícios ao *establishment* econômico e das grandes corporações contou com a intervenção mediadora de altos economistas do regime como Hjalmar Schacht, que tratou de acomodar habilmente os interesses do projeto político e do mundo empresarial (cf. BENDERSKY, 2007, p. 112). Não se trata de encaixar o argumento nos limites alcançáveis pela crítica de Kershaw (2006, p. 73), para quem a interpretação do nazismo como movimento “criado e controlado” desde os seus primórdios pelos interesses do capital não passaria de uma interpretação “rústica”⁸ Esta é via analítica de que divirjo na medida em que o crescimento das indústrias e dos grandes negócios foi apreciável e vantajosa para as grandes corporações sob a administração nazi-fascista.

Para Kershaw (2006, p. 73) estava claro que a elite econômico-industrial caminhou paralelamente a consolidação do nazi-fascismo, de parte de quem havia uma crescente disponibilidade para intervir e apoiar os poderosos setores da elite política. Estava em causa a configuração de um novo bloco de poder, que não teria sido viável sem o prévio enraizamento da cultura política autoritária de direita⁹, dentre os quais Jünger

⁸ Em sua análise do fascismo italiano, em artigo publicado no *L'Unità* em julho de 1924, Gramsci advertia que “[...] el fascismo está constituído en su verdadera esencia por las fuerzas capitalistas y de los agrários” (apud SANTARELLI, 1979, p. 6), tão importantes e poderosas forças quanto nem sempre percebidas quanto a este seu papel. Gramsci assinalava que “Abatir el fascismo significa, en definitiva, destruir definitivamente estas fuerzas armadas que operam directamente por cuenta de la plutocracia capitalista y de los agrários. Abatir el fascismo significa, en definitiva, destruir definitivamente estas fuerzas, y esto no se puede obtener más que en el terreno de la acción directa” (apud SANTARELLI, 1979, p. 6), e não se pode alimentar dúvidas sobre qual seja a intensidade desta oposição. A este respeito não se pode duvidar da proximidade de ambas as versões do fascismo da primeira metade do século XX, para os quais, como também acertadamente advertia Gramsci, “Cualquier solución parlamentaria será impotente” (apud SANTARELLI, 1979, p. 6), embora restasse claro na geografia do nazi-fascismo alemão, quicá por extremo cuidado, a importância de colonizar e implodir as instâncias parlamentares, tornando-as absolutamente inócuas.

⁹ A respeito da direita alemã conservadora do período da década de 1920, Jones (2014a, p. 3) chama a atenção de que se tratava de “[...] complex amalgam of political parties, economic-interest organizations, patriotic associations, paramilitary combat leagues, and young conservative salons of one sort or the other”, e este logo se revelaria um poderoso amálgama conservador-autoritário capaz de potencializar esta cultura para além de sua dimensão, a saber, dar origem a um contexto

(ver NEAMAN, 1999), que soube cozinhar e bem preparar o caldo cultural para apoiar os dias vindouros incluindo o âmbito da arte (ver BARRON, 1991a; ADAM, 1992) que logo se revelaria central para o nacional-socialismo (ver MICHAUD, 2004). Sob este pantanoso terreno o nazi-fascismo assumiu como base a mesma linguagem, embora com novas táticas e estratégias (cf. WEITZ, 2009, p. 342), que não surgiram da noite para o dia, senão que foramsendo gestadasno curso dos temposaté a ascensão do regime (cf. HASSEMER, 1996, p. 5-6), e não de inopino sem uma tradição intelectual que a tivesse sustentado, e que revelou ser indispensável para a necessária ancoragem do poder por uma minoria,¹⁰ estratégia tão necessária para a continuada articulação para derrubar a República (cf. WEITZ, 2009, p. 331) a partir de uma grande coalisão tanto no plano da sustentação teórica como empírico-política relativamente ao NSDAP (cf. WEITZ, 2009, p. 332) como também para manter o regime estabelecido após 1933.

É importante alargar o horizonte compreensivo e apontar que o nazi-fascismo não articulou o seu poder e a sua influência

totalitário. Neste sentido avança a conclusão de Jones (2014a, p. 3) de que “What held these disparate organizations together, however, was not so much an ideology as a profound sense of bitterness over the lost war, a deep and abiding distrust of the democratic theory of government with its emphasis upon the principle of popular sovereignty, and a longing for the hierarchical and authoritarian values of the Second Empire”. A compreensão do poder da direita não pode ser pensada em dissociação com este aspecto.

¹⁰ A este respeito é importante a longa citação de Jandl feita por Kaufmann e colhida em seu momento por Campderrich Bravo (2014, p. 49-50) e que vale a pena ser aqui reproduzida indicando que: “Ningún movimiento totalitario carece de su propio lenguaje y “tal lenguaje está fundado en la fraudulenta pretensión de anclar el dominio de una mayoría por una minoría diretamente en los cerebros de quienes han de ser dominados hasta el punto de que el dominio sea vivido positivamente por estos últimos como una suerte de autodomínio”. Estamos aquí ante un abuso de las palabras a efectos de encubrir las verdaderas intenciones o manipular el sentido de las palabras mismas: sirva como ejemplo de esto la apropiación nazi de la palabra “socialismo” (...). El discurso racional no es apropiado para lo que pretendía [el nacionalsocialismo], a saber, ocultar sus verdaderas intenciones y suscitar adhesiones irracionales, para de ese modo ejercer poder sobre las almas. Para ello, se requería un lenguaje que no fuera descifrable con claridad y que ofreciese siempre la posibilidad a quien lo controlase de rellenarlo con nuevos contenidos”. Certamente, todas as versões contemporâneas do fascismo estão carregadas destes elementos bem destacados por Jandl.

a partir de um terreno virgem, senão que já vinha sendo realizado um movimento intelectual e político preparatório para a instalação de um regime autoritário em substituição da República de Weimar (ver McELLIGOTT, 2013), ainda quando, a certa altura não estivessem minimamente claro qual força política viria a ocupar tal posição. Este movimento terminou por fortalecer o nacional-socialismo com o qual a direita conservadora revolucionária alemã da década de 1920 e demais grupos conservadores radicais compartilhavam valores de fundo,¹¹ sendo que sua reverberação no campo político empírico se traduzia no ímpeto de defenestramento da República de Weimar reputada como epítome da modernidade (cf. WEITZ, 2009, p. 339)¹² e, por conseguinte, da negatividade nazi-fascista relativamente ao moderno cujo empenho em destruir se deu desde os seus primeiros dias no poder (cf. KATER, 2019, p. 6), apontando para a negação da modernidade em sua acepção ocidentalizada e, inversamente, para uma modernidade inspirada nos supostos valores tradicionais germânicos.

Atacar a República era, assim, a encarnação de um espírito político do tempo que priorizava o desprezo pelo liberalismo político ao passo que fortalecendo uma cultura política autoritária, o que passava pelo obstinado empenho em combater tudo quanto à esquerda dissesse respeito assim como instituições, não deixando de articular e bem organizar e dar curso à repressão aos trabalhadores,¹³ operação que favorecia ao empresariado e ao mundo do capital ao maximizar os seus benefícios (ver KERSHAW, 2006, p. 73-74).

A consolidação daquele regime de maximização de benefícios aliado ao *racionalismo* que sustentou o modelo político nazi-fascista

¹¹ A este respeito interessa a análise de Jones (2014a, p. 3) ao apontar que “To stand on the Right” did not mean membership in any particular party but rather a disposition that expressed itself in a sense of contempt toward the symbols and institutions of Germany’s new republican order”. Este posicionamento à direita englobou diversos grupos, mas que mantendo importantes afinidades que permitiram caminhar para a evolução autoritária.

¹² Sobre a República de Weimar, em diversos de seus ricos aspectos, ver HENIG, (2002), HETT, (2019), ver JENSEN, (2019), PEUKERT, (1993). Para uma minuciosa história da República de Weimar, ver EYCK, HANSON, (1962). Para uma história dos últimos momentos da República de Weimar, ver FRIEDERICHS, BARTH, (2019).

¹³ Para uma história do mundo da classe trabalhadora alemã deasw fins do século XIX até o fatídico ano de 1933, ver a minuciosa obra de EVANS, (2019).

requereu estratégias específicas, sendo uma delas das mais agravadas adotada não apenas em termos intermediários, a saber, a da perseguição e imediata prisão de opositores. Assim eram classificados não apenas os que habitavam com clareza e posição o território propriamente político – o conceito de expansão pressupunha a ideia de que as fronteiras de um povo não coincidem com os limites políticos –, notadamente à esquerda, senão que todas as demais forças paralelas relevantes, inclusive intelectuais, como foi o caso de Franz Neumann (1969), e de outras figuras tão relevantes tomadas como alvo, como Viktor Klemperer e Primo Levi,¹⁴ dentre tantos aprisionados. A estrutura legal do regime permitiu a aplicação de medidas contra as forças políticas de esquerda, levadas à ilegalidade pelo regime nacional-socialista, sendo muitas delas levadas a campos de concentração, logo, milhões delas assassinadas, inclusive sem qualquer mediação judicial, malgrado em tantos casos o Poder Judiciário não faltasse ao regime para a consecução de seus propósitos massivamente homicidas.

A República de Weimar deve ser compreendida como um espaço político, cultural plural e tolerante (cf. EVANS, 2014, p. 530; ver KOLB, 2005; BURLEIGH, 2000) estruturada sob referenciais de Estado de bem-estar concebido nos moldes da tradição bismarckiana (cf. SANTOS, 2014, p. 119) mas todavia não consolidado a partir da unificação alemã em 1871, sob evidente afinação com os princípios do Estado democrático de direito e suas garantias fundamentais logo atacadas pelo nazi-fascismo,¹⁵ mas também compatibilizado e atraente para a expansão das artes que seriam alvo de completo domínio (ver BRADY, 1986) através da imposição do Ministério Nacional do Esclarecimento e da Propaganda (*Reichsministerium*

¹⁴ Químico formado com louvor, Levi foi enviado para Auschwitz com outras 650 pessoas judias de nacionalidade italiana, das quais não mais do que meras 20 delas sobreviveram.

¹⁵ O regime nacional-socialista empenhou-se na negação e final substituição do Estado democrático de direito, como não poderia deixar de ser em face do cerne de sua ideologia antiliberal. Neste sentido sustenta Campderrich Bravo (2014, p. 37) que “El terror nazi fue el resultado de la liquidación de todo vestigio de las reglas del estado de derecho, en particular, del principio de legalidad de la actuación de los poderes públicos, del control judicial independiente de esa misma actuación y de la garantía de los derechos fundamentales”. De fato, os princípios da legalidade e da anterioridade legal foram listados entre os primeiros a sucumbir sob o novo regime.

für Volksaufklärung und Propaganda–RMVP) sob a titularidade de Goebbels que ainda subordinava o *Reich Chamber of Culture*, do que é exemplo a música atonal e as artes plásticas, dimensão cultural cujo legado foi apreciável ainda no entreguerras (ver EDITORS, 2018).

Por trás desta estrutura ministerial do *Reich* e do papel decisivo do Ministério da Propaganda e do Esclarecimento conduzido por Goebbels se encontrava uma particular interpretação da política através da arte e da cultura mantida por Hitler. Em seu pensamento o propósito de dominação política não encontraria a melhor forma de concretização senão através da consolidação cultural e dos valores inerentes a esta cultura que deveria ser concentrada em uma construção propriamente germana, aspecto no qual dava azo a sua dimensão racalista e discriminatória com o objetivo de “purificá-la” das indevidas mesclas e interferências, das quais o judaísmo e o bolchevismo, mas também elementos estrangeiros diversos assim como a arte moderna, todos eles eram os representantes mais expressivos que deveriam ser tomados como inimigos e combater.

Tendo o objetivo de vencer estes inimigos o *Reich* conceberia diversos instrumentos para combatê-los, e além dos institucionais, como o Ministério da Propaganda, que assim deflagrariam um embate que não suporia tão somente uma vitória bélica, mas também, e quiçá, essencialmente, cultural (*lato sensu*) que apontava para a elaboração do wagneriano conceito de arte total. Para apoiar na concretização deste objetivo seriam mobilizados tantos outros de ordem filosófica e cultural retorcidos para, como admitia Hitler, “[...] ajudar a preservar os valores eternos que são parte da natureza integral de nosso povo” (apud EVANS, 2014, p. 480). A preservação destes valores genuínos do povo alemão estaria na dependência de sua materialização através da criatividade do artista, que não seria mais do que o gênio executor do espírito do povo (*Volksgeist*) imerso na comunidade do povo (*Volksgemeinschaft*) perpassada pela pureza e homogeneidade (*Homogenität*), com o qual a civilização superior anunciada por Hitler em sua *Mein Kampf* encontraria as vias de realização.

Para cumprir esta missão histórica civilizadora a Alemanha precisaria necessariamente “purificar” a arte, objetivo a alcançar prévia purificação da raça, recuperando, assim, os valores integrais do povo

alemão que já restavam expostos com clareza na década de 1920 aos leitores interessados no *Mein Kampf* (HITLER, 2016, p. 342), onde era afirmado que “A burguesia alemã, por julgar-se superior, nunca se preocupou seriamente com os problemas psicológicos [...]”,¹⁶ evidentemente funcionais para os fins de um regime de moldes totalitários, mas inexplicáveis desde os pressupostos filosóficos do Iluminismo¹⁷ e seu foco na racionalidade como elemento explicativo do homem no mundo, incluindo a sua relação com os sistemas políticos sob os quais vive (ver TRIVIÑO, 2014, p. 54).

A despreocupação burguesa quanto a dimensão psicológica da operação política e sua consequente aplicação ao povo exerce função desarticuladora dos valores e virtudes do *Deutsches Volk* que Hitler reclamava “reais”, algo de que não poderia abrir mão um movimento político factualmente empenhado com a retomada do *verdadeiro Volk*. Estas são algumas das linhas basilares com as quais trabalhou o nacional-socialismo, e é sob a égide de toscas versões do *racialismo* que algumas delas hoje conhecem momento de rebrote mas já extremamente sofisticado em seu perfeito controle dos recursos da psicologia de massas aplicado através da tecnologia para instaurar o reino primogênito-mor da necropolítica.

O nacional-socialismo vislumbrou o futuro político sob a miragem de uma tortuosa teoriaracial-supremacista aliada ao irracionalismo filosófico tomada como base inspiradora de todos os desdobramentos práticos de suas políticas (cf. BENDERSKY, 2007, p. 118), e ela própria embebida em profundamente débeis concepções do século XIX. Historicamente o nacional-socialismo encontrou as suas condições de desenvolvimento nos estertores do fracasso provocado de uma República plural e tolerante mas que nascera no contexto de um fracasso bélico decisivo para a substituição do regime imperial.

¹⁶ Neste particular, a crítica de Hitler (2016, p. 342) se articulava com o seu descrédito quanto ao papel que poderiam cumprir os movimentos políticos compostos por indivíduos recrutados em círculos intelectuais, como se por este só fato tivessem mais chances de alcançar o poder do que “movimentos de massa sem instrução”. Os reais problemas “psicológicos”, sem embargo, somente podem ser acessáveis e manipulados por agrupações políticas capazes de articular autoridades carismáticas, e é este o ponto sobre o qual o nazi-fascismo se deteria.

¹⁷ Para uma análise da posição dos intelectuais alemães no período em que a sombra da catástrofe se avizinhava e no qual já eram então colocados em questão os valores do Iluminismo, ver RABINBACH, (2001).

Aos olhos da extrema-direita a República de Weimar materializou não apenas uma grave ameaça aos seus princípios e propósitos concretizados na força social-democrata e na fantasmagoria da iminência do domínio comunista. Esta não era precisamente uma estratégia inovadora, senão que revivia o falso triunfo daqueles que anteriormente Bismarck considerara como inimigos do Terceiro Reich¹⁸ (*Reichsfeinde*) (cf. NOAKES; PRIDHAM, 2010, p. 124), reputação que, logo, a extrema-direita autoritária alemã trataria de expandir a extensos coletivos (cf. WEITZ, 2009, p. 333). O que estava em causapara a extrema-direita autoritária e conservadora próxima ao regime do Imperador Guilherme II era a perspectiva de que a emergente República carregava tão evidente quanto indesejável significado que deveria ser combatido tanto por seus princípios quanto pelos objetivos que deveriam ser perseguidos para a instauração de um novo regime autoritário.

A República era o símbolo político vivo da derrota da direita conservadora do Reich guilhermino, do *establishment*, da nobreza e forças ideológicas operativas na extrema-direita, que paulatinamente iam sendo reaglutinadas em pólo radicalizado na Alemanha após a derrota bélica de 1918 e política em 1919. Esta agrupação seria o espaço decalco de cultivo para o que viria a ser hecatombe social e humana de dimensões inauditas, tragédia que a falência contemporânea encarnada no rebrote autoritário insiste em relegar a segundo plano, mesmo contando com sofisticadas narrativas literárias não-ficcionais de homens como Levi (2019).¹⁹ Intelectuais deste tipo fizeram com que a memória do inenarrável fosse compartilhada pela força de uma literatura aguda e humanamente penetrante que precisa ser analisada conjuntamente com a documentação do período

¹⁸ Para uma já clássica história do Terceiro Reich e as suas vias e desvios, ver SHIRER, (1960).

¹⁹ Recuperar a literatura do Holocausto pode servir como instrumento para revigorar e mobilizar a razão e a emoção dos dias correntes e assim estabelecer mais eficientes barreiras de contenção, do tipo e valia das que não foram eficientemente construídas quando o nazi-fascismo emergiu no primeiro quarto do século XX. Afortunadamente, foi produzida amplíssima literatura sobre este objeto, o que permite acesso a diversas dimensões do Holocausto através do olhar daqueles que lograram sobreviver. Ver BAUMAN, (1998), DINIZ, (2017), GRATIZ, (2013), KASSOW, (2009), KONIG, (2015), SCHLOSS, (2013), STEINER, (1974).

como instrumentos para a ampliação da esfera compreensiva e de resistência efetiva pelas novas gerações.

Compreender a derrocada de um regime constitucional e democrático como o de República de Weimar apontou para eleições que não apenas indicariam a substituição de governo, mas de regime, sendo que previamente foram necessários primeiros passos para consolidar a emergência da cultura autoritário-conservadora que não foi interdita a tempo e, logo, encontrou as condições de possibilidade para fortalecer o nacional-socialismo (ver MORRIS, 1982). À época os movimentos conservadores realizados implicaram “[...] rechazo del viejo mundo burgués y las idealistas nociones de una nueva sociedad con mayor movilidad y más igualitaria formaban la base de la dinámica movilización nazi de los jóvenes” (KERSHAW, 2006, p. 239), nada disso poderia ser aceito, e estes foram os valores que radicalmente negados pelo nazi-fascismo já contando com uma prévia consolidação social através de seu cultivo inicial por parte da extrema-direita e autoritária na década de 1920.

Expandidos estes valores antiliberais no início da década de 1930, é preciso observar que a democracia perdeu menos devido a carecer de reais possibilidades de defesa substancial e legal dos seus valores do que pela efetiva inapetência popular e falta de defensores efetivos desde os primeiros momentos de ataque. A massa foi entretenida em um primeiro momento com a insatisfação sobre a crise final da década anterior que se projetava sobre os primeiros anos da década de 1930, cometendo o equívoco de desprezara possibilidade da eclosão da catástrofe, e que em um segundo momento quando experimentou a evolução econômica alemã em meados da referida década, optou por desconhecer a origem e os terríveis meios e métodos dos empregados para a obtenção dos avanços dos índices econômicos.²⁰ Neste aspecto assiste razão a quem, como Forsthoff (2000, p. 322), sustenta que naquele contexto o voto era

²⁰ Não há espaço suficiente para tratar de tema perpassado por este requinte de detalhamento técnico-estatístico. Sem embargo, é importante considerar que a superação da fase aguda da crise econômica deveu-se em grande parte a instrumentos não ortodoxos e politicamente ilegais, tais como o uso de trabalho escravo, o emprego de mão-de-obra em situação análoga a da escravidão e, ainda, o direto roubo de propriedades, bens e riquezas por parte do Estado, além de processos de expropriação marcados por ilegalidades e chantagens várias para que o valor a ser pago ao legítimo proprietário fosse irrisório.

a divisa do fazer político que, por si só, era condição débil para sustentar um regime democrático, circunstância agravada pela massificação do distanciamento da posição de defesa do regime.

No curso da década de 1920 e início da seguinte, muitos cidadãos desprezaram ou simplesmente não votaram no NSDAP, não foram poucos, senão a maioria. Malgrado a obtenção e manutenção de relativo apoio na área rural como na classe média das pequenas cidades (cf. BENDERSKY, 2007, p. 61),²¹ o NSDAP também buscava sustentação através dedeclarado apreço ao trabalhador e ao soldado, figuras que habitavam o núcleo duro do nazi-fascismo juntamente ao elogio das históricas e genuínas virtudes másculas e viris que poderiam ser concretizadas através da morte (cf. WEITZ, 2009, p. 339) ao serviço do *Volk* através da fiel obediência ao *Führer*. O conceito de *Volk* e a remissão ao “homem rural” era apenas mais um dos recursos para contrapor-se à cultura weimariana, descrita como tão urbana, moderna e cosmopolita quanto degenerada e judia (cf. WEITZ, 2009, p. 340). Sem embargo, havia uma missão a cumprir para que o regime pudesse ser consolidado, a saber, amalgamar a cultura alemã em um mito de unidade e assim obter os favores legitimatórios tanto dos campos como das urbes.

Sob esta perspectiva era central assumir a tarefa de manipular a percepção popular sobre o desvalor do judaísmo e da figura do judeu, desde a sua cultura à sua religião, destituindo-o potencialmente de sua humanidade e dando azo à eliminação de milhões de seres humanos do mundo. Para a reconfiguração do campo dos valores alemães, a cultura e a educação foram setores absolutamente priorizados, conhecidos e eficientes instrumentos que são para tal finalidade de consolidar quaisquer novas ordens sociais, muito especialmente aquelas que mantêm uma orientação autoritária.²²

²¹ Convergemos com Hernández (2014, p. 159) ao sustentar que a melhor compreensão sobre a penetração do nazi-fascismo na sociedade alemã e sua aceitação mantém direta relação com a capacidade de que disponhamos para ampliar o horizonte cognitivo sobre a vida corrente dos indivíduos em seus dilemas e problemas ordinários. No que concerne a idêntico movimento de obtenção de obtenção de apoio realizado pelo fascismo italiano contando com similares adesões, ver TOGLIATTI, (1978).

²² No caso alemão a prioridade deste fator foi elevada à última potência através da

Um dos movimentos realizados para a realização desta tarefa foi a classificação da arte associada ao judaísmo – e ao bolchevismo²³ – como degenerada, a *Entartete Kunst* (arte degenerada)²⁴ (ver DEGENERATE ART, 2014),²⁵ conceito representativo (e representado)²⁶ dos princípios raciais orientadores da política racista do *Reich* aplicados às artes, e que logo descrita pela imprensa nazi-fascista como *Schreckenskammern der Kunst* (Câmara de Horrores de Arte), cuja operação massiva na imprensa apoiaria a tarefa de cristalizar nas mentes e corações da população alemã²⁷ o ímpeto de ataque e desconstrução de tudo quanto dissesse

criação de uma poderosa pasta ministerial entregue a Goebbels, o Ministério da Propaganda e Esclarecimento Popular, cujo papel central era formar o novo projeto cultural alemão, e para isto estabelecendo o controle sobre todas as diversas áreas da vida cultural assim como o aspecto estético das campanhas políticas.

²³ O ataque ao bolchevismo pressupunha a sua condição de agrupação à esquerda, produtora de conteúdos discrepantes do que o regime nacional-socialista empenhava-se em impor como típico do *Volk* alemão e, logo, classificadas como divergentes, reclamariam a sua eliminação sob o pretexto de realização de “limpeza cultural”. Um exemplo cabal desta prática organizada pelo Ministério da Propaganda de Goebbels foi a queima pública de livros em 1933.

²⁴ Junto ao conceito de *Entartete Kunst* foi também concebido o conceito de *Entartete Musik*, especialmente designativa do *jazz* norte-americano associado aos negros, e assim foi preparado um catálogo ilustrativo da música virtuosa ligada ao arianismo que contraditava com as “aberrações musicais” representadas pelas influências estrangeiras neste campo em que eram apreciados os gêneros como o *swing* e o citado *jazz*, também alvo de exposições em diversas partes da Alemanha para fins de esclarecer à população a sua degeneração em contraposição aos princípios da arte pura ariana.

²⁵ A respeito da arte degenerada, ver BARRON, (1991b), BILLETER, (2017), HAUG, STEINKAMP, (2012), ZUSCHLAG, (1997). Ver também VILLEGAS, (2014). Para uma resposta à exposição da arte degenerada alemã realizada na Inglaterra apenas um ano após a de München realizada pelo NSDAP, ver WASENSTEINER, (2018). Para uma definição da arte do nacional-socialismo, ver SCHLENKER, (2014, p. 283-301).

²⁶ O nacional-socialismo teve o cuidado de conceitualizar e catalogar as características e as obras classificadas como *Entartete Kunst*. Neste sentido o comentário de Peters (2014b, p. 12) de que a “Degenerate art” is the extreme example of a state-run campaign against modern art as the prerequisite to a parallel attempt to impose the National Socialist conception of art by force”, tendo o regime tomado o cuidado de elaborar um livro com a listagem das *Schandausstellungen* (exibições da vergonha).

²⁷ Sobre a imprensa alemã no período nazi-fascista e sua intersecção com a política, ver FULDA, (2009). Sobre conexões da imprensa com a arte naquela quadra

respeito ao judeu, movimento que, como se sabe, não permaneceu adrito ao mundo das artes plásticas, senão que mobilizou o cinema – Leni Riefenstahl²⁸ foi um nome proeminente –, a literatura e a imprensa escrita, o teatro e demais formas de manifestações públicas.

A estética nazi-fascista foi analisada Spotts (2002) focando a influência das preferências artísticas de Hitler na determinação das políticas adotadas pelo *Reich* nesta área. Seria estabelecida uma tênue e inaudita conexão entre a arte e o genocídio, partindo de uma tortuosa concepção de arte pura (alemã) cujo alcance dependeria da eliminação das demais formas artísticas, especialmente a arte moderna, objetivo que não tangenciaria até mesmo a destruição física de artistas, literatos e intelectuais em geral que mantivessem posição de oposição à nova ordem, passo para criar uma falsa situação de homogeneidade e ampliação das possibilidades de hipnotização das massas sob a emersão de magníficas e sofisticadas formas de operação e imposição do novo campo ideológico. A partir de então poderíamos duvidar da disjuntiva entre cultura e barbárie, pois assustadoramente a barbárie também seria compatibilizada com uma das possíveis formas de cultura, a nazi-fascista.

A teoria da arte nazi-fascista foi elaborada a partir de uma concepção de beleza (*lato sensu*) singular, mas o objetivo era amplíssimo, vale dizer, reconfigurar o conjunto dos valores e ideais dos homens e da sociedade assim permitindo projetar a restauração alemã. A arte deveria ser desprezada em suas formações desproporcionais, sublinhando estedesvalor dos traços e perfis cortantes, desafiadores e contrapostos que eram à estética e ao modelo de beleza greco-romana compartilhada pelo regime. Neste sentido, portanto, seriam úteis as exposições públicas de esculturas e pinturas como estas da figura abaixo,²⁹ que poderiam comover a

histórica, ver VILLEGAS, (2014).

²⁸ É notável a obra de Riefensthal cuja suprema tradução talvez se encontra em “*O triunfo da vontade*” (*Triumph des Willens*), de 1934/1935”, em cuja carreira também conta com os singulares “*Vitória da fé*” (*Sieg des Glaubens*), de 1933, “*O dia da liberdade*” (*Tag der Freiheit – Unsere Wehrmacht*), de 1935, e “*Olímpia*” (*Olympia*), de 1936. Sobre a importante obra de Riefensthal, ver BACH, (2007). Para uma análise em primeira pessoa, ver RIEFENSTAHL, (2014, 2013, 1994).

²⁹ Quando eram cumpridos quatro anos à frente do regime, Hitler fez com que o NSDAP realizasse uma exposição da “arte degenerada”, em julho de 1937, em München, que atraiu várias centenas de milhares de pessoas, mas que logo também

população já estimulada pela pressão da imprensa e dos processos de aculturação disponíveis ao regime sobre o modelo de arte desprezível e inimiga que mereciam ser combatidos e exterminados:



(FONTE: Brilliant Graphics)

As figuras acima observadas são marcadas por traços retos e cortantes, deficiências e severas restrições e diminuições em suas funções físicas. O desalinho estético relativamente ao modelo

seria levada a diversas partes do território alemão. O que estava ali em causa era a demonstração pública por parte do regime da clara face de seu antípoda estético, a saber, a arte moderna e o abstracionismo. Na exposição da *Entartete Kunst* estavam incluídos artistas e grandes nomes da época como Emil Nolde (1867-1956), Georg Grosz (1893-1959), Max Beckmann (1884-1950), Oskar Kokoschka (1886-1980), Paul Klee (1879-1940), Wassily Kandinsky (1866-1944), mas também foram igualmente perseguidos pelo regime artistas como Ernst Ludwig Kirchner (1880-1938), Max Ernst (1891-1976) e Otto Dix (1891-1969). Esta era uma concepção artística cujas orientações tinham vetor inverso aos que em suas primeiras e fracassadas tentativas artísticas haviam sido nutridas por Hitler, com pinturas realistas tanto de paisagem como de edifícios, logo desestimadas pelos críticos da época que apontavam para o valor artístico dos estilos abstratos e modernos. Sobre a patologização do modernismo durante a exposição da arte degenerada em 1937 em Munique, ver LÜTTICHAU, (2014). Para uma leitura sobre a posição de Emil Nolde em face do nacional-socialismo, ver FULDA, SOIKA, (2014, p. 186-195).

sinuoso bem proporcional da arte greco-romana era a linha divisória da disfuncionalidade da arte moderna (degenerada) para os padrões do nacional-socialismo,³⁰ e o dadaísmo seria um dos movimentos artísticos mais severamente atacados.³¹ Nesta inadmissibilidade ao padrão estético nacional-socialista estava imbuída claramente a preferência estética de Hitler por esculturas gregas e o padrão de beleza sustentado nas formas perfeitas, sem menosprezar as influências do romantismo. Esta cosmovisão estética pretendia impor-se ao gestual grotesco das artes plásticas modernas, modelo colocado em posição dealvo direto para a persecução obsessiva do nazi-fascismo pela eliminação de seu conceito de imperfeição no mundo. A *Entartete Kunst* (arte degenerada) era assim contraposta ao “puro” modelo ário da *Große Deutsche Kunstausstellung* (Grande Arte Alemã),³² que serviria como definidor e tipologia da pureza em matéria de política cultural para as artes.

³⁰ Sobre a concepção antimodernista em Hitler e no nazi-fascismo desde uma perspectiva da arte e da política, ver PETERS, (2014a, p. 16-35).

³¹ O dadaísmo foi um movimento classificável como antiartístico situado no campo da arte, vanguardista sem a pretensão da vanguarda, encarnando o combate à beleza na arte, morta que estaria (Tristan Tzara). A poesia perpassou o dadaísmo a partir da influência de seu fundador, o romeno Tzara, juntamente aos artistas Hugo Ball e Hans Arp, Jean Arp, Richard Huelsenbeck, Sophie Tauber-Arp, Emmy Hennings, Marcel Janco, o que ocorreu em Zurique em 1916, materializando o movimento no Cabaret Voltaire. O movimento manteve uma orientação infensa a proporção típica da arte greco-romana que habitou o cerne da estética nacional-socialista, orientação que o dadaísmo virtualmente rejeitava em seus princípios, bem como o fato de conceber a si mesma como exercício de negação enquanto o nacional-socialismo era o extremo oposto, aspirante a impor sua concepção da arte, cujo choque com a burguesia ocorreria de forma eventual, enquanto no dadaísmo era uma questão imperativa a crítica à tradição artística, pautando a aplicação da irracionalidade nas artes como sinônimo de liberdade, assim como o modelo de proporção, e racionalidade, como expressões maiores da virtude da raça ária e do espírito do *Volk* alemão.

³² Este processo já havia sido iniciado e vinha sendo cultivado, ao menos, desde os anos de 1927-1929 com a fundação da *Kampfbund für Deutsche Kultur* (Liga de Combate pela Cultura Alemã) por Alfred Rosenberg, com isto evidenciando o cuidado do nacional-socialismo com o movimento necessário de consolidação dos fundamentos culturais para um novo modelo de regime que exigiria a submissão completa dos indivíduos a partir de uma inflexão de força-ânimo interno, mais intenso e eficaz do que da imposição intensa de uma ação externa de controle sobre cada um deles, insuficiente para lograr os tão amplos propósitos do regime.

Estes elementos foram indispensáveis para que o nazi-fascismo pudesse demonstrar a sua extrema habilidade para “[...] insertar mejor que ningún otro partido el deseo de una reforma social dentro del marco nacional [...]” (FRITZSCHE, 2006, p. 200), reforma que dependeria de um profundo apelo popular enraizado emocionalmente, pois não se tratava de uma reforma qualquer, senão de uma alteração radical não apenas da política e das instituições como também dos próprios homens.

À partida este modelo propunha profunda reconfiguração cultural como instrumento para algo mais do que a reforma política, mas sim uma nova tipologia de regime. Em apoio a estes novos tempos a reconfiguração conceitual do campo das artes disponibilizaria marco a ser combatido, a *Entartete Kunst*, classificável no plano político como marco de sustentação cultural e artística do inimigo a combater ou, sinteticamente, como arte inimiga. Deste modo o nazi-facismo logrou impor grave, irretorquível e profunda fratura na sociedade alemã baseada no ódio ao judeu e a tudo que a ele dissesse respeito, legitimando as iniciativas de todo o tipo que visassem excluí-lo e, no limite, exterminá-lo.

2. A ASCENSÃO AO PODER E O OBJETIVO DO TERROR

O prévio movimento de apoio às forças da direita conservadora autoritária foi suficiente para que o NSDAP fosse obtendo apoios importantes junto ao eleitorado, mas não antes da grave crise de 1929. Em sua disputa eleitoral pelo poder tampouco o NSDAP obteve notável apoio eleitoral,³³ classificável apenas como importante, mas não decisivo. Rigorosamente, o próprio nacional-socialismo admitiu estar “[...] desilusionado[s] por los resultados de

³³ É importante considerar o argumento de Hernández (2014, p. 157) sobre a alegação de que haveria uma convicção generalizada de que a ascensão e domínio do nazi-fascismo se deveu ao decisivo apoio da população, e não ao que alguns defenderam, a saber, “[...] un conjunto de intereses de una minoría de fanáticos que, merced al uso de la violencia y la manipulación ideológica, habrían logrado establecer un sistema político y social sobre una sociedad pasiva y carente de recursos para su defensa”. Compreender a passividade como chave para o avanço do regime ilustra e explica aspecto importante do fenômeno, mas ampliar esta compreensão depende da percepção dos sofisticados e métodos de controle (propaganda, ensino, cultura e dados) e do grau de violência aplicados.

las elecciones, que con el 43,9% de los votos les negaban una mayoría absoluta” (FRITZSCHE, 2006, p. 150), a qual esperavam vivamente obter. Sem embargo, *a posteriori* a influência hitleriana foi intensíssima sobre vastos segmentos da sociedade alemã (cf. BLANC, 2013, p. 189), a quem logrou mobilizar até os últimos momentos do regime quando a derrota já era iminente, malgrado a esta altura o motivo do apoio fosse menos a crença no *Führer* do que na iminência do desaparecimento da Alemanha e o risco existencial de todos(as), dada a volúpia da destruição promovida pelo *Reich* alemão além-fronteiras (ver KERSHAW, 2015). Seria uma reflexão deficiente se desconsiderado o fato de que o território da cultura previamente não houvesse sido preparado e as mentes e corações não houvessem sido profundamente colonizados a ponto de entregar-se à subserviência mais do que a mera obediência ao *Führer*.

Pode ser considerada surpreendente para alguns a popularidade alcançada por Hitler e pelo regime especialmente nos anos que precederam a deflagração da Segunda Grande Guerra Mundial, mas talvez menos surpreendente resulte quando analisadas as condições das forças produtivas. Haviam sido mobilizados e potencializados os recursos da economia, embora a expensas dos direitos dos trabalhadores e canalizadas para fins bélicos, que logo cobriam intensamente os módicos benefícios de alguns poucos anos para os trabalhadores(as). A simpatia de muitos relativamente ao regime e a final decisão de tantos em prestar seu apoiomantinha os olhos na *débaçle* de Weimar, contrapondo o interesse em dispor da oportunidade de trabalho que a democracia constitucional anterior não lhes havia assegurado adequadamente a um cenário de crescente violência. A este cenário somava-se o *Anschluss*, a anexação da Áustria à Alemanha em março de 1938, reunindo outros muitos partidários de Hitler (cf. FRITZSCHE, 2006, p. 152) e fortalecendo o projeto expansionista e a confiança no regime.

Realizadas as eleições de julho de 1932 resultou apurado das urnas que o NSDAP obtivera 230 cadeiras, vale dizer, que tornara-se o partido com maior representação no *Reichstag* mas que, mesmo assim, distava de ter obtido a condição majoritária para obter a nomeação do Chanceler (*Reichskanzler*). Sob tal contagem de votos, a ascensão ao poder dependeria de aliança política que lhe permitira a maioria, e isto foi viabilizado através de acordo com o Partido Nacional Popular

Alemão, que já em 1924 havia atraído milhões de votantes de trabalhadores e da classe média (cf. FRITZSCHE, 2006, p. 178), e que dispunha dos 8% necessários para conformar a maioria. Mesmo com esta movimentação, ainda assim, foi possível observar como, na sequência, os trabalhadores tampouco aderiram aberta e entusiasticamente ao regime (cf. BENDERSKY, 2007, p. 114), o que continuaria a demandar importantes esforços de propaganda.

Mas se os trabalhadores não apresentavam seu apoio, não subsistia motivação suficiente e ousadia para organizarem-se e enfrentar a repressão nazi-fascista, embora subsistissem razões para a insatisfação econômica com o novo regime (ver BENDERSKY, 2007, p. 114). Em narrativa realizada ainda no calor dos fatos e publicada em 1944, Loewenstein (1944, p. 18) analisava que “O povo, abalado pelo furacão e fúria dos eventos estava imerso em apatia”, mas se esteve nela colocado e permaneceu cristalizado, o alto preço a pagar foi inaudito, e talvez as mais claras imagens disto sejam uma mescla dos horrores do bombardeio da população civil de Dresden com a igualmente bárbara tomada de Berlim pelos soviéticos após os massacres impostos pela *Wehrmach*³⁴ em território da URSS.

Foi notável a facilidade com que o nazi-fascismo uma vez chegado ao poder obteve a “[...] alineación (*Gleichshaltung*) de la sociedad en torno a sus directivas [*o que*] era índice de un proceso de masificación y de formación totalitaria del consenso en marcha desde hacía tiempo” (POGGIO, 2006, p. 45). Mas se o processo político inicial apontou para a aceitação da política da violência estimulada pela omissão coletiva, por outro lado, em face da inexorável marcha autoritária e sua insaciável sede de poder, a omissão inicial terminaria por causar perdas gigantescas a colocar em posição translúcida a noção de que inexistia preço alto o suficiente para que forças políticas autoritárias sejam contidas.

Questão essencial todavia residente no território da incompleta apreensão diz respeito aos motivos que conduziram milhões a apoiar o regime, sendo que não poucos o fizeram até os últimos momentos quando realmente tudo já estava posto a perder a ingloria e genocida

³⁴ Operante no Terceiro Reich a partir de 1935 sob as ordens de Hitler e Wilhelm Keitel, a *Wehrmacht* foi o conjunto das armas do Reich composta pelo Exército, pela Marinha, pela Força Aérea, assim como pelas tropas das *Waffen-SS*.

guerra alimentada por Hitler. Malgrado a dificuldade em oferecer resposta direta, é inevitável reconhecer que a maioria da população alemã apoiou um regime comprometido com a destruição,³⁵ fenômeno parcialmente devido a depositar suas esperanças em um novo e distinto cenário imposto pela persistente crise econômica e social weimariana (ver ABRAHAM, 2019), sistema republicano segundo a interpretação conservadora-autoritária acoplada a valores para promover o desaparecimento daquilo que era o genuinamente alemão (ver MEHRING, 2000, p. 314) e que, portanto, mereceria mais denodado combate para a sua eliminação.

A respeito do apoio popular ao regime é ilustrativa a literatura do período que traz as notas de Frau Solmitz. Em seus diários ela registrava importante apreço, simpatia e, mesmo, entusiasmado, tal como ocorreu com extensos segmentos da população com a ascensão de Hitler, sendo inverso o ângulo proposto por Noakes e Pridham (2010, p. 130-131), a saber, sobre “What must Hitler feel when he sees the hundred thousand people whom he summoned, to whom he gave a national soul, people who are ready to die for him. Not only metaphorically speaking but in bitter earnest...”. Milhões e Frau Solmitz compuseram aquela massa de indivíduos cujas mentes focaram o *Führer* com olhar de profunda admiração, sendo importante inquirir qual o seu efeito sobre uma mente politicamente orientada e equilibrada, poderia sentir-se proclive a aumentar a sua esfera de poder, enquanto uma mente doentia e perversa como a de Hitler certamente não hesitaria em fazê-lo. Não hesitou.

A percepção da dimensão de sua conexão com milhões de Frau Solmitz permitia a Hitler aspirar o sucesso de seu projeto de poder. Malgrado este apoio, o êxito do projeto poderia ser

³⁵ Não dispomos de espaço suficiente para tratar do tema, mas é preciso reforçar a importância de manter o questionamento sobre os motivos que podem levar uma população a obedecer o direito e as razões que conduzem a resistência ao poder, e no caso específico do objeto do presente artigo, o questionamento sobre o motivo que conduz todo um povo a obedecer normas jurídicas claramente pautadas pelo desvio de pautas mínimas da moralidade e da justiça. Neste sentido a questão proposta por Triviño (2014, p. 53) é lapidar: “¿qué mecanismos psicológicos y sociales operan en los individuos para que bajo el amparo de cumplir lo establecido en una norma realicen actos manifiestamente inmorales y que causan daños terribles en personas?” A resposta e esta questão, ainda que parcialmente, voltarei em livro de próxima publicação. Sobre o tema, ver JASPERS, (1998).

compreendido senão através da aplicação de estratégia de propaganda até então inaudita, altamente sofisticada e economicamente alimentada por recursos dos grandes empresários e de grupos de direita (cf. BENDERSKY, 2007, p. 63). Para tanto, uma das bem construídas mídias à época foi o *Völkischer Beobachter* (jornal nacional-socialista), estratégia de propaganda bem alinhada com os interesses do grande capital, algo claramente observado através da consolidação das vantagens econômicas extraídas pelos grandes conglomerados industriais alemães do período que projetaram existência sólida para além do Holocausto³⁶ e sua mais horrenda configuração massiva em Auschwitz e Treblinka³⁷ e todo o continente europeu³⁸ mas também projetando a sua substância metafísica de ódio e terror para além daquelas latitudes e sua perigosa bactéria para além daqueles dias.

Oscilando entre o desinteresse e o desprezo pelas questões mais urgentes da política em meio à crise econômica ao final da década de 1920 e início da seguinte, bem mais que temerariamente, em vista da ameaça que já então pairava, eis que amplas esferas políticas reputaram o nacional-socialismo como fenômeno meramente transitório, quiçá controlável em alguns de seus exageros,

³⁶ O Holocausto é evento que precisa ser considerado em todas as suas inúmeras e profundas reverberações, e a atenção concedida ao objeto multidisciplinar e rica em suas análises. Dar curso a esta tarefa analítica estimula o cuidado extremo em antever os momentos de ruptura e dobras humanas irretorquíveis que possam denunciar a eclosão de similares forças às nazi-fascistas da primeira metade do século XX, sobretudo considerado a afinação da leitura de sorte a perceber as suas diversas formas de configuração histórica. Para uma recente e detalhada interpretação, ver REES, (2018). Ver também DINER, (2006).

³⁷ Especificamente sobre Auschwitz, e sob diversos ângulos analíticos, e sem pretensão exaustiva, ver AGAMBEN, (2008), LEVI, BENEDETTI, (2015), SCHLOSS, (2013). Sobre Treblinka, ver RAJCHMAN, (2010), STEINER, (1994), WEBB, CHOCHOLATÝ, (2019).

³⁸ Malgrado os assustadores números de Auschwitz-Birkenau (1,2 milhão) e Treblinka (800.000 a 925.000), tampouco podem ser esquecidos os milhares de cadáveres produzidos em escala industrial em diversos países e latitudes que, sem pretensões exaustivas, mas sim exemplificativas são, aproximadamente os seguintes: em Belzec (600 mil), Chelmno (300 mil), Sobibor (250 mil) e Majdanek (80 mil), enquanto na URSS, os *Einsatzgruppen* (unidades móveis de extermínio) foram capazes de produzir a apavorante cifra de 1,3 milhão de cadáveres. Trata-se apenas de estimativas dos números do genocídio, condição reconhecida pelo historiador Friedländer (ver 2009a, 2009b, 2010).

quando não mesmo desatinos, e que em algum momento não distante no tempo estaria destinado a desaparecer no palco da história. Levantava-se a hipótese de um breve final do regime, que ocorreria mesmo quando estivesse alimentado e bem respaldado pelo sistema capitalista, que além de pavimentar a ascensão do nazi-fascismo ao poder (cf. GUERIN, 1973, p. 32) e que o seguiria sustentando após colocar-lhe freios e controlá-lo, pois é inequívoca a conformidade e até mesmo o conforto do capital mesmo com as circunstâncias de perversidade e mal em intensidade e escala superlativa, sempre e quando operem em função da multiplicação de seus recursos.

Para cumprir esta finalidade foi articulado o ataque visceral contra os movimentos sindicais e operários decretando o seu fim, em estratégia que aproximava ambas as versões do fascismo clássico (cf. BLANC, 2013, p. 193-194), cujas forças capitalistas associadas em nenhum caso titubearam (como hoje tampouco) em corromper e finalmente destruir a democracia parlamentar prévia neutralização do *Reichstag*, e com especial esforço na eliminação do conjunto dos sindicatos que ainda serviam de algum arrimo para os trabalhadores alemães (ver CAMPERRICH BRAVO, 2014, p. 33), mas também menoscabando as funções ministeriais que, paulatinamente, deixariam de ser exercidas, dada a falta de reuniões do Conselho Secreto do Gabinete (*Geheimer Kabinettsrat*) quanto do Conselho de Defesa do Reich (*Reichsverteidigungsrat*) resumidas e concentradas no *Führer*.

O regime nazi-fascista contava com íntimo apoio e associado estava diretamente ao capital, disposto a colocar fim aos direitos dos trabalhadores até então conquistados e plasmados no Pacto Legien-Stinnes em 1918 e, logo no ano seguinte, na Constituição de Weimar e expostos nos direitos sociais. Recorda Campderrich Bravo (2014, p. 37) que era suficientemente claro que “Las organizaciones patronales consideraban que el único modo de resolver la crisis económica consistía en reducir costes salariales [...]”, e as formas de concretizar este objetivo não conhecem alterações históricas significativas, pois passam, inexoravelmente, pelo recorte de gastos com trabalhadores e, paralelamente, aumentar o dispositivo coercitivo e policial do Estado para conter a massa. Pontualmente naquela quadra histórica da vida alemã o capital optou por “[...] suprimir las contribuciones empresariales para la financiación del

seguro desempleo y otras medidas asistenciales que por aquel entonces empezaban a ponerse en práctica” (CAMPDERRICH BRAVO, 2014, p. 37), e isto traduz o interesse econômico no sistema em que o capital dispõe de poder ou a ele se associa fortemente, como é o caso do nazi-fascismo.

O regime nazi-fascista e seus associados capitalistas cristalizaram sua absoluta indiferença pelos fundamentos constitucionais de 1919 e os direitos sociais dos trabalhadores, os quais se mostravam interessados em exterminar à raiz, alegadamente como única alternativa para a crise capitalista enfrentada naquele momento mas, sobretudo, patentearam sua indiferença relativamente às severas consequências do aprofundamento da crise econômica que derivariam com certeza certa das medidas político-econômicas que provocariam considerável aumento do desemprego, literalmente, tornando miserável a vida de milhares (cf. WEITZ, 2009, p. 83), cuja existência já vinha afetada pela soma das condições impostas por uma guerra e, logo, pelo rigor do Tratado de Versalhes.³⁹

O sistema capitalista carrega em si a potencialidade de impor inescrutável *mal*, expressando em níveis variáveis em suas práticas, sob demanda de dupla estratégia, de ocultamento e normalização através de intensos esforços culturais, publicitários e jurídico-políticos para que as suas opções de destruição de direitos sociais possa ser tornada palatável às massas direta e profundamente prejudicadas e vilipendiadas por tais medidas.⁴⁰ O sistema capitalista

³⁹ Quiçá seja lúdimo especular sobre uma variante contemporânea do “Tratado de Versalhes” aplicado em desfavor de diversas sociedades e Estados, bem encarnado no neoliberalismo, e que favorece radicalmente o avanço da extrema-direita (cf. LÖWY, 2015, p. 656).

⁴⁰ As forças reunidas pelo capital precisam opor-se impor-se à força de trabalho, seja qual for a nova fronteira e formação histórica que apresente. Neste sentido Campderrich Bravo (2014, p. 31) analisava o cenário da Alemanha em princípios da década de 1930 e sublinhava que “Ante la previsible resistencia de las organizaciones sindicales, el partido socialdemócrata (S.P.D.) y el partido comunista (K.P.D.) a esta supuesta vía de resolución de la crisis, las organizaciones patronales estaban dispuestas a acabar con la democracia parlamentaria y su sistema de derechos fundamentales, si éste era el único modo de destruir el poder de las organizaciones sindicales y los partidos de izquierda”. É notável a atemporalidade do descompromisso perfeito e bem acabado do *establishment* econômico com os mais libertários e humanos do liberalismo democrático e seus alicerces constitucionais.

revela-se plenamente compatível com a destruição humana e do *humano* em qualquer escala e instância, e não menos em prestar-se a sua minuciosa organização além de oferecer o necessário suporte, embora não necessariamente o realize ou defenda de forma aberta. No caso das ações da extrema-direita autoritária na República de Weimar este processo foi exitoso, pois logo desembocou em uma figura afinada com as suas expectativas filosófico-políticas, vale dizer, Hitler, que não teria sido possível sem o amparo do capital, rumo que logo apresentaria o preço a ser pago, inicialmente apenas a abertura da *Caixa de Pandora* cujo desdobramento sanguíneo ocorreu em escala inaudita.

Foi apenas o sofrimento cru conhecido no evolver dos tempos que serviu para a comprovação do gravíssimo equívoco em que incorreram multidões, entre apoiadores ativos e um nada desprezível número de omissos, que encarnam a culpa por sua colaboração para a concretização do mal⁴¹ (ver JASPERS, 1998). As equívocas avaliações políticas ou a sobreposição radical de interesses mesquinhos cobraram sério preço. É exemplo e dínamo disto aqueles

⁴¹ A concretização do *mal* na história alemã todavia requer análise, à parte todas as inúmeras e tão ricas linhas até aqui escritas. Sem embargo, trata-se de reflexão que não se esgota, assim como o risco que se maximiza em face de relegá-la à segundo plano a qualquer tempo, ainda quando a perplexidade em face da radicalidade do *mal* continuamente postergue a sua incorporação cognitiva. Quando o fato, em si, transcenda os limites da compreensão. Tão somente um dos vetores deste gravíssimo e lúgubre tempo histórico é o tema das obrigações morais daqueles que poderiam ter realizado algum tipo de intervenção para conter o avanço do *mal* e não o fizeram. Neste aspecto recordamos com Triviño (2006, p. 94) que “Las circunstancias que surgieron del nazismo y de su persecución de los judíos provocó que muchos alemanes (no todos y, por otro lado, también otros individuos pertenecientes a otros Estados ocupados por los nazis) se encontraran en la tesitura de balancear, por un lado, sus obligaciones morales hacia las víctimas de la persecución y, por otro lado, el probable daño que podrían sufrir ellos mismos o sus familiares si eran descubiertos ayudando a las víctimas cuando tales acciones, por supuesto, estaban castigadas severamente. En estos casos surgía un inevitable conflicto de obligaciones morales de difícil solución”. Inquestionavelmente, havia um dilema, mas é mister reconhecer que, ademais, há um outro grave impasse de fundo ao contrabalancear o risco pessoal a inextrincáveis deveres morais relativamente a emersão de condições de dinamitação do humano. Por outro lado, sem embargo, é também indispensável propor que a omissão em face do avanço e concretização do *mal* radical termina por implodir a própria humanidade daqueles que negam a sua existência sumindo-se na omissão.

indivíduos cujo interesse foi, inequivocamente, o de prestar apoio ao já bastante evidente projeto de extermínio de judeus associado a inescrupulosa perseguição da esquerda e de todos os opositores do regime, estratégia de poder absoluta anunciada por Hitler em seu *Mein Kampf* ainda em meados da década de 1920. Tudo havia sido anunciado com antecedência suficiente para que pudessem ser empreendidos os necessários esforços de contenção. Malgrado toda sorte de anúncios, não houve mobilização e resistência efetiva contra o nefasto porvir, acerca do qual não se pode afirmar que estaria preenchido por surpresas, exceto quanto à dimensão do mal. O anúncio do mal havia sido feito.

3. A REPÚBLICA DE WEIMAR: O OCASO DE UMA DEMOCRACIA

A República de Weimar era desenhada sob a perspectiva de sua plural e democrática Constituição que sofria o ataque da extrema-direita autoritária que todavia aspirava pelos dias do Reich guilhermino e um regime antagônico ao republicano, certamente muito próximo ao “*Ein Volk, ein Reich, ein Führer*” (um povo, um império, um *Führer*).

Sob um conflitivo mas rico cenário cultural e político como o de Weimar, mas não sem os graves equívocos das forças políticas democráticas, Koonz (2005, p. 69) advertia que “The lively cultural diversity that epitomized the Weimar era vanished in 1933”, ano e marco do fim de uma era e início de um tempo de terror. A diversidade weimariana foi alvo direto do ataque das agrupações político-filosóficas de corte autoritário de extrema-direita, dedicadas a articular forças eficientes para destruir a República e seu florescimento cultural, assim como ao progresso social apontado pela Constituição de Weimar e seu projeto de emancipação pessoal (cf. WEITZ, 2009, p. 332). Malgrado os ataques decididos do autoritarismo desta extrema-direita foram mantidas as formas constitucionais weimarianas, embora aquele momento de transição permitisse antecipar claramente a alta toxicidade dos dias vindouros nos quais as funestas promessas hitleristas começariam a ser plenamente cumpridas.

Um dos primeiros e necessários passos no sentido de

concretizar o projeto nazi-fascista foi empregar meios para a colonização absoluta de todos os recônditos da cultura, do cinema ao teatro, da música às letras e, sobretudo, de todos os âmbitos da vida privada, ou seja, que o destaque neste processo de domínio foi colocado no “[...] impacto del régimen nazi en todas las áreas de la “vida cotidiana”, dando lugar a la aparición de una imagen con muchas facetas de las esferas de conflicto entre gobernantes y gobernados” (KERSHAW, 2006, p. 255). Mesmo assim, admite Bendersky (2007, p. 105) que o êxito nesta empreita foi parcial, embora relevante, posto que “Although the breadth and depth of nazification was quite extensive, the Nazis failed to destroy many of the traditional institutions, patterns of behavior, and values of the old Germany”.

Os nacional-socialistas alcançaram o poder sob o declarado propósito de alterar o conjunto dos valores e do ethos do tempo na Alemanha, e para isto recorrendo à gramática (ver KLEMPERER, 2009), gerando profundas consequências na concepção pública a respeito do rumo da política e do Estado a partir de uma visão que se era inovadora em sua forma não o era em seu conteúdo, pois mesmo o conceito de *Volksgemeinschaft* já havia sido concebido pelo ideário nacionalista embora tenha sido Hitler o seu disseminador. De forma conexas argumenta Koonz (2005, p. 73) que o nacional-socialismo “[...] confiscated words for the party, saturated words and phrases and sentence forms with their poison”, e este é o desenho de um processo de apropriação da linguagem e subversão semântica,⁴² cujo

⁴² Este processo de reconstrução da linguagem e sua recomposição semântica é importante estratégia de que dependem movimentos de corte antidemocrático em face de seu compromisso com estabelecer extensas linhas de domínio que pressupõem níveis de dissociação profundos do interesse público e, por conseguinte, quando seja cristalino e transparente o discurso, logo, inviabiliza a adesão política popular ou, no mínimo, a torna de difícil consecução. É possível perscrutar excepcionalidades quando mentes e corações possam ser persuadidos de que os projetos que tão francamente adversos lhes resultam assim não o são. Especificamente no caso do nazi-fascismo o conceito *racalista* ou discriminatório habilmente colonizou a linguagem foi expandido horizontal e verticalmente em sociedade atingindo a massa de indivíduos, e neste sentido sublinha Weitz (2009, p. 333) que “This racial sense of German-ness infiltrated the language of even those institutions like the churches that formally rejected racial ideology”, e esta infiltração, como veríamos, seria de extrema importância para sustentar o modelo totalitário nazi-fascista.

aprofundamento não teria sido possível sem o uso intensivo dos novos meios de comunicação e seu domínio cultural, aplicado em consonância com escora econômica no mundo do grande capital, indispensável para esta reconstrução gramatical do mundo germano. Neste rumo o nacional-socialismo “[...] made the language serve their strongest advertising tools [*Werbemittel*], at once the most public and the most secret” (KOONZ, 2005, p. 73), mas também fortemente reconectada aos mitos e falsificações históricas que apoiassem o *Volk* alemão.

A reconfiguração semântica e gramatical não pode ser menosprezada quanto ao seu potencial de redimensionar a percepção de mundo, da cultura e, por conseguinte, do sentido e dos limites da ação política, pois como sugere Fritzsche (2006, p. 195) isto ocorreu “Mediante el empleo de un lenguaje embebido de categorías morales, tales como corrupción, traición y virtud, llegaron a identificar sus propios intereses con la renovación política nacional”. A reforma do vocabulário imposta pelo nazi-fascismo carregava consigo o empenho na ressignificação semântica, a construção de um novo conjunto de referenciais que viabilizasse o avanço do regime em sua sanha de brutalidade.

Este processo de colonização e ressignificação da linguagem foi objeto de minuciosa análise no trabalho de Klemperer (2009), que sublinha os esforços então orientados para a criação de inovadora gramática conectada e muito próxima à linguagem da extrema-direita autoritária do período, por exemplo, introduzindo conceitos como “[...] *Volkstum, Deutschtum, Überfremdung, Dolchstoß, Diktat von Versailles, Schieberrepublik, Schmäherepublik, Judenrepublik, Kampf, Drittes Reich, Führer* [...]” (WEITZ, 2009, p. 333) assim como o importante conceito de *Lebensraum* (espaço vital alemão), e estes logo seriam recepcionados e redimensionados pelo nacional-socialismo através da propaganda ainda mesmo antes do fatídico 30 de janeiro de 1933 que marcou o início do regime.

Ancorado neste conjunto de conceitos de amplo arraigamento na sociedade alemã, o conjunto de reformas de fundo propostas pelo nacional-socialismo apontava a construção de mundo homogêneo através da busca pela eliminação de opositores, notavelmente focando dois grupos, um de opositores políticos, os esquerdistas, e outro determinado pelo corte racial-religioso, os judeus, a quem eram

atribuídos absolutamente todos os males do mundo (cf. WEITZ, 2009, p. 342), o que justificaria a sua eliminação, movimento iniciado ao final do século XIX com Wilhelm Marr (1819-1904) ao cunhar a palavra anti-semitismo, grafando-a eufemisticamente como *Judenhass*, precedido pelos racistas Gobineau (1816-1882) e Chamberlain (1855-1927). Não se tratou da concretização apenas no plano institucional, pois os expurgos supuseram o aplainamento do terreno no aspecto cultural (ver KATER, 2019) para que o regime contasse exclusivamente com leais servidores para levar a termo o projeto de extermínio/destruição (*Vernichtung*). Esteera o instrumento radical do qual o nazi-fascismo não hesitouem nenhum momento em lançar mão em escala massiva, dando assim azo à alucinação da construção da pretendida superior sociedade ariana, projetada e administrada para assenhorar-se e dominar completamente a Europa.

Este projeto movimentou as alavancas que a história documentou como genocídio, o que não teria sido possível sem prévia mobilização psicológica das profundas raízes do mal que habitam mais intrínseca e genuinamente humano, tanto individual como socialmente. A este respeito sustenta Fritzsche (2006, p. 159) que “Los “arrebatos de odio” que tanto resentimiento producían entre los vecinos, también hicieron de los judíos alemanes, considerados intrusos, liberales y capitalistas chivos expiatorios”, um conjunto de inimigos bem identificados contra os quais tudo seria admitido, o que incluiria a prática da violência e do ódio, assim como do medo e do terror, que anteciparam as condições para a emergência de personalidades cristalizadas, dispostas à pura omissão.⁴³ Era

⁴³ A omissão política de expressiva massa de alemães em face das ações do terror nazi-fascista colocou uma massa de alemães em posição de meros espectadores do *mal*. Um dos fiéis ao regime foi Viktor Capesius, farmacêutico-chefe de Auschwitz desde 1943 até o final da guerra, e antes disto apenas mais um representante da Bayer, até ser designado Oficial das SS e ir trabalhar em campo de extermínio. Capesius era também encarregado de levar o gás a ser aplicado às vítimas, procedimento que maximizava o objetivo de extermínio de vidas, também cabendo a ele selecioná-las, frente ao que permanecia indiferente ao roteiro ordinário de potencializar a morte, que era a sua rotina. Capesius presenciou a chegada de milhares de vítimas, mas em uma das fatídicas viagens de trem chegaram homens e mulheres provenientes de Schassburg, Transilvânia, a sua terra natal, muitos deles vizinhos e conhecidos seus, o que tampouco supôs qualquer gesto de intervenção ou

indispensável para o nazi-fascismo realizar a mobilização da opinião pública através do nacionalismo tão vituperado em 1918 e atualizado enquanto fonte de resistência à cultura política liberal qualificada como alienígena que vingara em Weimar.

Bendersky (2007, p. 105) assinala a centralidade do desejo nacional-socialista de concretizar a transformação da Alemanha “[...] into a homogenous racial community, their ideal *Volksgemeinschaft*, led by the *Führer*”, pois era divisa transversal a todas as demais políticas do nazi-fascismo. Para cumprir tal fim admitia-se a evacuação de indivíduos ou assassinar todos aqueles que não cumprissem com os critérios em muitíssimos casos abstratos e suscetíveis de emprego para fins persecutórios. Esta era base e via adequada para cumprir o projeto homogeneizante (*Homogenisieren*), para que o regime resolutamente assumiu como uma de suas metas colocar fim ao “bolchevismo cultural” (cf. EVANS, 2014, p. 484; 483; 499), também anunciado com cristalina transparência por Rosenberg (2015, p. 627) ao entregar proposta em 1936 diretamente ao *Führer*, cujo teor era que “[...] en medio de este conflicto mundial, el movimiento nacionalsocialista y el Reich alemán tomen

mesmo de modesta simpatia, não apresentando escrúpulos sequer quanto a apropriar-se do que pudesse então ser considerado objeto de valor das vítimas que chegavam ao campo para o extermínio (ver SCHLESIAK, 2015). Certamente isto traduzia em uma só figura humana a complexidade do mal que não tarda em reaparecer na história sempre e quando facilitado pelo silêncio e omissão típica de tempos que unem o hedonismo radical ao distanciamento dos assuntos públicos. Considerado o papel desta massa, por outro lado, tampouco é possível desprezar a tantos homens e mulheres que superaram as suas difíceis condições para esboçar alguma reação individual ou coletiva no sentido de proteger um mínimo patamar do ethos civilizacional então alcançado. Este foi o caso de “[...] aquellos individuos que se comportaron de forma altruista y, en este sentido, ayudaron a salvar la vida de algunas de las víctimas del nazismo” (TRIVIÑO, 2006, p. 94) e, uma vez mais, não foram poucos, embora tantos tenham permanecido anônimos, o que não foi o caso, por exemplo, de Schindler (ver GARCÍA AMADO, 2003). Por outro lado, é também certo e assustador que houve a situação daqueles que, desobrigados de comprometer-se com o regime, optaram por fazê-lo por vontade e ânimo próprio, tanto filiando-se ao partido nacional-socialista como adotando posturas radicalizadas de apoio ao regime quando nenhuma possibilidade coercitiva poderia ser exercido sobre ele. Talvez um exemplo disto no âmbito militar tenha sido o terrível o caso das marchas da morte, quando milhares de judeus foram levados à morte através da exaustão de seus corpos ou simplesmente assassinados a sangue frio, isto em um momento em que a guerra já estava inexoravelmente perdida para os alemães.

la iniciativa de reforzar contra el bolchevismo [...]”, o que vinha apenas a reforçar o ódio pulsante em Hitler(2016) em larga medida explicitado no *Mein Kampf*.

Sob a inspiração de Hitler naquela quadrahistórica não estavam em curso propostas competitivas e de disputas ideológicas, culturais, ordinárias em regimes políticos abertos de todas as épocas, senão justo o contrário. Tratava-se tão só de desenhar(e cumprir) as vias adequadas para excluir do campo político todo indivíduo e/ou coletivo discrepante, única via para instaurar a homogeneidade. Não tardaria para que ocorresse a transição das perseguições individuais e aos grandes coletivos considerados como “inimigos” do povo e do regime. O conceito e a materialização dos “inimigos” foram construídos no imaginário alemão e reforçados pela retórica anti-Versalhes, sendo esta descrita em seus perversos efeitos tanto no plano interno quanto externo e, portanto, projetando a imposição a eles tão somente através da luta (cf. WEITZ, 2009, p. 342). O projeto de acesso e de manutenção no poder deslizou para a prática política a partir da eficientíssima estruturação e desenvolvimento de uma potente rede de informantes, analistas e de extensos arquivos que serviram como base de dados para organizar as ações de campo das forças repressivas do aparelho do regime, notavelmente através das SS (*Schutzstaffel*).⁴⁴

As perseguições individuais do regime contra as quais não houve reação eficaz foi o preâmbulo indispensável para a produção da morte em alta escala daqueles classificados como inimigos que continuaram a contar com o testemunho de milhões cristalizados em sua omissão. O genocídio configurou o núcleo duro do nacional-socialismo, cuja ideologia e dínamo foi descrita por Klemperer (2009, p. 109) como uma “[...]doença especificamente alemã, uma degeneração virulenta da carne alemã”, mas certamente não uma doença qualquer, daquelas que não são graves e nos afetam ordinariamente, mas sim uma de tipo tão grave, radical e corrosivo humano que logrou atingir seriamente até mesmo as formas de produção cultural, aí incluído o mundo das artes (ver MURRAY, 2010; KATER, 2019), pois a revolução política e reconstrução

⁴⁴ Para uma história das SS, ver WEALE, (2010).

cultural, estética e arquitetônica⁴⁵ estiveram indissociavelmente conectadas⁴⁶ – neste sentido devemos atentar para as obras de Mies van der Rohe e Walter Gropius (ver KAES, JAY, DIMENDBERG, 1995, p. 438-444; SPEER, 1997)⁴⁷ – e é parametrizada pelo *Volknão* poderia dispensar o caldo que alimentaria a educação das gerações vindouras.

A busca pela afirmação do nazi-fascismo ocorreu sob o contexto de notável perseguição ao moderno, típico do espírito weimariano (cf. WEITZ, 2009, p. 339), e ao modernismo associado a tudo quanto encarnasse o liberalismo, pois o caminho era o *Sonderweg* auditado proposto pelo nazi-fascismo, cujos desdobramentos no Holocausto seriam considerados por Bauman (1998, p.20) já não como um evento da barbárie⁴⁸ que a própria modernidade poderia impor a partir de sua potente racionalidade, antes do que fenômeno todavia conectado com a pré-modernidade. A

⁴⁵ Sobre a atenta dedicação da obra de Speer à arquitetura nacional-socialista, ver KRIER, STERN, (2013).

⁴⁶ A este respeito Goebbels era claro ao sustentar que as revoluções “[...] are never reduced to the purely political; from there they affect all other functions of human existence. Neither the economy or culture, nor the sciences and the arts remain untouched by them”. (apud KATER, 2019, p. 2), ou seja, as alterações e fundo em uma sociedade e as alterações estruturais propostas demandariam intervenções também profundas nas mais diversas áreas, e o caso da cultura e das artes durante o regime foi paradigmático.

⁴⁷ O nazi-fascismo manteve uma relação contraditória com a Bauhaus, de negação pública patenteada e bem expressa através do fechamento desta escola em 1933 em face de sua suposta proximidade ao marxismo embora, por outro lado, reservadamente, aceitasse alguns de seus pressupostos – malgrado o seu alto potencial modernista rechaçado pelo regime –, inclusive chegando a aplicar alguns de seus princípios em edificações do regime, reconhecendo assim o valor de sua alta funcionalidade. Neste sentido, por exemplo, a fonte aplicada pela Bauhaus às letras foi em alguns casos também utilizada pelo regime, como na entrada do campo de concentração Buchenwald, grafando o *Jedem das Seine* (a cada um o que é seu), sendo um dos grandes nomes da escola, Herbert Bayer, um dos desenhistas que aderiu ao regime trabalhando para a sua propaganda em todas as suas mais nefastas variantes, adesão que também foi levada a termo por Mies van der Rohe em 1934 ao unir-se à Câmara da Cultura do Reich (criada em novembro de 1933), órgão subordinado ao Ministério do Esclarecimento e Propaganda sob a titularidade de Goebbels, e que levaria a termo uma extensiva série marcos legais regulatórios restritivos na área cultural.

⁴⁸ Sobre a específica aplicação da racionalidade à questão judia, ver Diner (2006, p. 138-159).

Sonderweg nazi-fascista tanto em matéria política quanto em costumes (ver GORDON, 2008)⁴⁹ passando pelas artes (ver BARRON et al., 2015; GAY, 2001), e apenas uma de suas notas é exemplificada pelas perseguições a pintores como Oskar Kokoschka e Paul Klee.

Paul Klee teve a sua situação agravada em face de sua arte supostamente “negróide”, discriminação inicialmente presente em Rosenberg (2015, p. 556) ao referir-se à música de negros, então bastante popular no período weimariano, em especial em *clubs* da sempre cosmopolita Berlin. A manter operativa a gramática de Klemperer, diríamos tratar-se de doença cuja reinfecção ocorria a partir de elementos internos da própria Alemanha, sendo importante considerar a equívoca percepção de muitos analistas de que o nazi-fascismo teria sucumbido junto com o nazismo ao final da guerra (cf. KLEMPERER, 2009, p. 109). Foi equívoco analítico compartilhado por tantos quantos relegaram a cultura e a lição histórica Iluminista, pois ideias e ideais não sucumbem definitivamente, senão que, no máximo, são arquivados durante certos períodos que são insuscetíveis de mensuração. Logo foi acidamente descoberto o vigor da filosofia da história aberta e não linear e evolutiva no sentido qualitativo.

Sob o signo desta magnífica doença decorria o efeito dadestruição dos valores de fundo que sustentavam a República de Weimar, mas de toda uma época presente e um desenho de futuro. Este ataque seria viabilizador e concretizado não apenas em face da mobilização e manipulação da real e profunda crise política e do descrédito das instituições, mas consideravelmente em face da crise econômica que afligia a vida ordinária das massas. A este problema real foi somado o indispensável trabalho publicitário que enaltecia o nacional-socialismo e destacava o propósito de deprimir ainda mais a cena política alemã, apontando para a via da expressão extrema radicalização criminosas mas, por outro lado, elaborando políticas que redundassem em ganhos econômicos reais e, portanto, apto a extrair favor do apoio eleitoral das massas. O cruzamento histórico da

⁴⁹ Sobre a questão de gênero e, especificamente, a condição da mulher na metrópole weimariana, ver ANKUN, (1997). Sobre a compreensão da cultura do corpo e da nudez em Weimar, ver TOEPFER, (1997).

necessidade com a pobreza, o recolhimento e a concentração dos recursos econômicos mobilizados para objetivos bélicos e, portanto, alheios à produção do bem-estar somados à decadência dos partidos tradicionais e o fastídio com o prolongamento da instabilidade foi uma das marcas da crise histórica de 1929 que apoiaram o nazifascismo (cf. BLÁZQUEZ RUIZ, 2014, p. 87)⁵⁰ e, logo, parteiro dos tetricos dias subsequentes em que foi reconhecida a face do mal radical.⁵¹

Naquela circunstância os trabalhadores foram distanciados das fontes do poder político, e o horizonte apontava nada mais do que para a completa supressão dos avanços sociais, movimento a ser

⁵⁰ A tal respeito Blázquez Ruiz (2014, p. 87) chama a atenção para o fato de que “[...] tanto el fascismo como el nacional-socialismo emergieron en sociedades cuya población vivía y padecía una manifiesta situación crítica, lastrada por la miseria y el hambre, dragada por la crisis económica y anegada por una irrefrenable hiperinflación, como nunca se había conocido, que además acumulaba amplias y desmesuradas tasas de desempleo”. Portanto, a reflexão sobre o fascismo clássico ou as suas formas de reparaçãõ (e reconfiguraçãõ) histórica não devem carecer de cuidado e boa atençaõ no que concerne aos indicadores sociais, até mais do que estritamente econômicos, malgrado de modo algum possam ser alvo de desconsideraçãõ.

⁵¹ Este *mal radical*, sem embargo, não emergiu e se consolidou e enraizou na sociedade alemã *ex abrupto* senão que foi necessário um considerável período de trabalho de disseminaçãõ ideológica e penetraçãõ cultural para que valores assentados na violênciã e puro ódio pudessem ser aceitos em uma sociedade cujo aculturamento e proximidade com os valores da *Aufklärung* eram notáveis. Uma das provas disto é que Hitler não encontrou as condições necessárias para a emersãõ do NSDAP na primeira metade da década de 1920 ao sair da prisãõ de Landsberg em dezembro de 1924. Naquela situaçãõ a economia alemã tinha sido medianamente estabilizada atravêss da aplicaçãõ do Plano Dawes e o Tratado de Locarno, negociados em 16 de outubro de 1925 na referida cidade suíça e, logo, firmados em Londres em 1º de dezembro de 1925, e viria a ser formal e unilateralmente repudiado pela Alemanha a 7 de março de 1936 quando ocupou a Renânia desmilitarizada. Em meados da década de 1920 quando Hitler saiu da prisãõ de Landsberg, tratava-se de um momento em que a sua retórica raivosa e apocalíptica não ecoava nas mentes e corações dos alemães, tal como ocorreria ao final da década, notavelmente após a quebra da Bolsa de Nova Iorque em 1929 e que levou os norte-americanos a liquidar as suas posições em diversas partes do mundo, notavelmente na Europa e na Alemanha em particular, para cobrir as suas perdas nos EUA, o que desintegrou as melhorias da economia provocadas pelo Plano Dawes. Entregues à pobreza e à miséria aos milhões, muitos indivíduos se tornariam presas fáceis da retórica do ódio endereçado aos inimigos fabricados e apontados como responsáveis pela desgraça nacional.

sustentado em bases opressivas, inicialmente “[...] bajo la sombra del desempleo masivo, a la brutal explotación de los empleadores apoyados por el aparato represivo del estado policial [...]” (KERSHAW, 2006, p. 236). Neste cenário juntavam-se mais claramente do que nunca as duas faces da mesma moeda, a saber, a opressão sobre os trabalhadores aplicada através de um regime inicialmente autoritário personalista que visava capilarizar a legitimidade através da recomposição da economia alemã em alto favor do baronato industrial mas que, logo, precisaria estender benefícios, entenda-se, trabalho, à massa da população. Estas eram circunstâncias adequadas para a configuração de uma crise perfeita tendente ao colapso (ver ABRAHAM, 2019; KRUEDEUNER, 1990),⁵² mas que ainda assim encontrava na população uma massa de indivíduos não exatamente dispostos a reagir.

Sem embargo, as massas estiveram dispostas sempre a calcular o mal menor e, chegado o momento, desprezar limites civilizacionais universalizados, assim como os referenciais ético-antropológicos ilustrado-kantianos, desde quando isto representasse meio efetivo para garantir condições existenciais e de mínima subsistência. Entregues à miséria trágica do humano, este caminho não pode ser bem compreendido indiferentemente à movimentação eficiente em face do desemprego massivo, sendo este não apenas um dos potentes motores condutores de Hitler ao poder, mas que também devidamente conduzido, permitiu a ele compreender por onde passava a solução de seus problemas políticos de legitimação (cf. BENDERSKY, 2007, p. 111) e afirmar a sua posição de poder através do apoio popular.

A depressão econômica de 1929 provocou a radicalização dos indivíduos em sua expressão eleitoral (cf. EVANS, 2014, p. 534), enfrentados que estiveram com nível massivo de desemprego que em 1932 atingiu 29,9%, mas também o que Marquardt (2015, p. 30) qualificava como um “[...] neo-pauperismo no esperado [...]”. Esta realidade favoreceu intensamente a boa sorte do nazi-fascismo e que lastimosa e perigosamente ensombrece a contemporaneidade, o que se observa através da crise econômica mundial forjada pelo capital

⁵² A respeito desta conexão da crise econômica e sociopolítica da República de Weimar com as condições de produção do Holocausto, ver DOBKOWSKI, WALLIMANN, (1983).

financeiro que, hoje como antanho, radicaliza a destituição dos direitos sociais e massificador da pobreza, ainda mesmo nos países desenvolvidos que operam como elemento que reforça as condições para a inserção de elementos autoritários no direito penal (ver SEGADO, 2009, p. 471), os quais na realidade nazi-fascista mobilizou elementos raciais.⁵³

O êxito pontual do regime nacional-socialista conforme a percepção da população alemã à época estava ancorada na reversão dos índices econômicos e sociais de um segmento definido da população, sendo importante observar como o NSDAP soube mobilizar elementos como o nacionalismo, o racismo, além da resistência ao Tratado de Versalhes, reputado como a perpetração de uma grave violência à Alemanha, à partida pela imposição de que os derrotados assumissem a culpa pela unilateral pela deflagração da guerra e, igualmente, a cessão significativa de territórios, ademais da desmilitarização, perdas das áreas econômicas industriais, assim como a imposição de altíssimas reparações de guerra. Versalhes foi recepcionado pelos alemães como profunda humilhação, logo transformada em motor ideológico-político do fascismo (cf. BLÁZQUEZ RUIZ, 2014, p. 86), o que entregou à extrema-direita autoritária alemã, o que Marquardt (2015, p. 28) qualifica como um “[...] aspecto clave para deslegitimar la república constitucional y exigir políticas para la restauración del orgullo nacional, mientras las fuerzas pro-sistémicas no supieron defenderse frente a las estigmatizaciones colectivas y profundas”. Neste cenário de intensas perdas coletivas adveio singular sobrecarga de sofrimento típico dos que padecem as consequências da perda de uma guerra, e sob tais perdas densas os indivíduos se tornaram mais facilmente alvos da sedução e aprisionamento por uma retórica autoritário-direitista pré-disposta a desenhar os rumos trilhados pelo nazi-fascismo.

Versalhes encarnou aqui a interpretação disseminada pela extrema-direita de que não passava de continuidade da vitória dos Aliados sobre a Alemanha e, portanto, a entronização de um símbolo da

⁵³ A este respeito Blázquez Ruiz (2014, p. 92) recorda que “[...] ante situaciones de crisis económica o de inseguridad ciudadana, el discurso racista promete [...] restablecer el orden social y recuperar la estabilidad a través de medidas impregnadas de extremismo”. A rigor, nas situações de instabilidade crescente são colocadas as melhores condições para a emersão da retórica autoritária messiânica.

humilhação (cf. WEITZ, 2009, p. 337) que mantinha o espectro do estrangeiro a dominar a Alemanha e as suas instituições, algo concretizado na imposição de altíssimas reparações de guerra a retirada de fragmento de 12% do território alemão, densíssima gravidade de sanções cuja disfuncionalidade, e risco, foi advertida naquele momento por Keynes. A gravidade da percepção da população alemã sobre a derrota na guerra vinha somada às efetivas condições materiais, sempre sob recordação de que as condições da paz impostas em Versalhes em 1919, estimularam a miséria, o que ocorreu à raiz de os vencedores desprezarem a tradição juspublicista internacional europeia cuja nota era realizar a paz sob referenciais efetivamente eficientes para pacificar (cf. MARQUARDT, 2015, p. 28).

A severidade do castigo imposto à Alemanha teve múltiplas variáveis, mas especialmente duro no que concerne ao pagamento das reparações de guerra (cf. FRITZSCHE, 2006, p. 153-154), o que virtualmente obstaculizou a vida ordinária na Alemanha, o que configurou ponto chave para a densificação da retórica da extrema-direita autoritária alemã e sua estratégia para alimentar e manter o ódio vivo no coração de sorte a viabilizar o violento projeto de poder nazi-fascista. O nacional-socialismo soube mobilizar este potente mas algo oculto pulsar popular no início da década de 1930, que dava mostras de ainda seguir enfurecida com a lembrança sempre reavivada de 1919 e seus “traidores de novembro”,⁵⁴ logo somados sob idêntico e intenso desprezo aos indivíduos que firmaram a paz,

⁵⁴ Corriam os últimos momentos da Primeira Grande Guerra Mundial quando finalmente foi imposta a derrota aos alemães, que não encaixou a derrota mas sim o discurso que a atribuiu a uma suposta traição das forças políticas anti-imperiais, pró-republicanas e democrático-liberais, além dos social-democratas. Novembro de 1918 seria, portanto, a data marcante da construção da narrativa da direita de que a classe política ascendente ao poder o fazia sob um vício originário imperdoável, e assim seria construída a lenda da facada nas costas (*Dolchstoßlegende / der Dolchstoß in den Rücken*). A rigor, eram muitos os alemães que foram persuadidos e efetivamente não aceitaram e/ou não entenderam a derrota no conflito bélico, malgrado as estratégias militares dos vitoriosos assim a pudessem justificar (ver EDITORS, 2018). Esta narrativa da *Dolchstoßlegende* visava persuadir a população de que as armas alemãs não haviam sido realmente derrotadas pelas forças inimigas, mas sim por lideranças nefastas traidoras orientadas por interesses alheios aos da nação, e que, sendo assim, o futuro não deveria permanecer realmente fechado para retornar àquele capítulo histórico mal encerrado. A cultura da violência encontraria aqui o seu território de fértil cultivo.

republicanos estigmatizados como *Erfüllungspolitiker* (“políticos-criados”) servindo aos inimigos, derivando disto que muitos alemães passaram a esperar que quando já era entrada a década de 1930 o NSDAP viesse a restaurar o prestígio internacional do país (cf. FRITZSCHE, 2006, p. 154).

Em cenário de profunda crise as opções políticas do NSDAP apresentaram um perfil alta e perigosamente populista, e com suas “[...] respuestas supuestamente fáciles, mostró éxitos electorales y ascendió en 1930 al rango del segundo partido más fuerte del parlamento (18,3%) [...]” (MARQUARDT, 2015, p. 30), e este foi o momento de superação da dificuldade até então desenhada para que a extrema-direita autoritária em obter o apoio das urnas para alcançar o poder e aplicar o seu projeto político ditatorial (cf. CAMPERRICH BRAVO, 2014, p. 33). Seria apenas em julho de 1932 que o NSDAP avançou à posição de partido mais votado com 37,4% da preferência do eleitorado, embora não lograsse obter a maioria parlamentar, fato que indubitavelmente lhe emprestou importante força política. Mas seria em 1933 que o NSDAP obteve votação ainda mais relevante, embora frustrante para a sua firme expectativa de consolidar maioria. Com os seus 43,9%, o NSDAP precisou recorrer ao apoio da extrema-direita autoritária conservadora, que seria decisiva para consolidar o grupo político necessário para a formação da maioria absoluta unindo-se ao *Deutschnationale Volkspartei*, o Partido Nacional do Povo Alemão (DNVP) (1918-1933), malgrado, na sequência, o parlamento viesse a ocupar posição de mero apêndice no âmbito de um regime já abertamente totalitário sob Hitler, espaço então ocupado tão somente por indivíduos plenamente leais a ele.

O DNVP foi o partido conservador à direita que brandia orgulhosamente os símbolos do Reich guilhermino em 1924, período em que já dispunha de cerca de 1/5 do eleitorado. A base política do DNVP não era muito distinta daquela que sustentaria o NSDAP oito anos após (cf. FRITZSCHE, 2006, p. 197), processo partidário de aproximação facilitado quando a liderança do DNVP foi assumida em 1928 pelo arqui-reacionário Alfred Hugenberg, que no momento da união com os nacional-socialistas em 1933 contava com os 8% dos votos necessários para que fosse viabilizada a composição formal de governo com a necessária maioria parlamentar. É notável o fato de

que naquelaquadra a Alemanha alterou profundamente os seus rumos em apenas cinco anos, compreendidos entre 1928 e 1933, quando “[...] millones de alemanes se unieron a una vasta insurrección política que parecía provenir de ninguna parte [...]”. (FRITZSCHE, 2006, p. 152).

Os sucessivos êxitos eleitorais do nacional-socialismo elevaram o patamar da representação partidária, mas tampouco isto ocorreu com potência suficiente para colocar a agremiação em posição de protagonismo. A compreensão do fenômeno ascensional ao poder do nazi-fascismo assim como a sua condição autoritária de exercício do poder reclama como indispensável considerar que “[...] by themselves the Nazis were still a minority party; the majority of the voters had rejected them” (LOEWENSTEIN, 1944, p. 16), e sendo assim, é renovada a inquietação sobre a insuficiência de mobilização para a resistência, dado que a maioria expressiva da população não apoiara o NSDAP nas urnas. Perguntar por qual motivo não resistiram importa. Sem embargo, a análise deste cenário era incapaz de desenhar por si só o que estava por vir – e sua intensidade –, senão que a sólida ancoragem social e o silêncio omissivo de tanto seria essencial para a perpetração do ousado projeto em causa, e o nacional-socialismo soube como mobilizar grande parte da população uma vez no poder, para além de seus eleitores.

Para isto foi estratégico, senão decisivo, em face da impossibilidade de dominar a esmagadora maioria, a aplicação de instrumentos capazes de atemorizar a parte da população que não apoiara o NSDAP, e que, então, pudesse delas obter o silêncio e a omissão. A concepção de eficazes estratégias de violência foi uma condição essencial para que uma agrupação política a quem a maioria de eleitores não havia expressado apoio nas urnas, nem para que governassem e muito menos para que fosse realizada uma subversão do regime político e jurídico em vigor como realizada por Hitler relativamente à democrática ordem constitucional weimariana.

Durante o regime foram expressivos grupos populares que prontamente se revelariam omissos para resistir no plano político logo que o nacional-socialismo colocou o seu projeto em marcha sob a sua singular brutalidade. Resta atual o questionamento de Fritzsche (2006, p. 152) sobre “¿Cómo explicar este veloz surgimiento del

nazismo y el vuelco repentino de las lealtades partidarias?” ou, ainda, como foi possível a pavimentação das condições para o genocídio sob a centralidade e comando de personalidades doentes e homicidas. Todavia ecoa o questionamento sobre como pode uma sofisticada tradição filosófica como a alemã assentir com a afirmação e prática de um projeto como o nazi-fascista, e sendo este o cenário, talvez expectativas ainda inferiores do ponto de vista qualitativo possam ser esperadas por sociedades dotadas de patamares de sofisticação menos privilegiados de suporte cultural e institucional. Seria a omissão de grande parte dos indivíduos uma explicação potente? Importante sim, suficiente, não. A coragem e a ousadia aliadas ao pragmatismo temperadas pela solidariedade e a misericórdia podem ser enfrentadas aos tempos de desafio ao intrinsecamente humano e à gênese da sociedade e sua pauta moral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A República de Weimar nasceu sob ataque cerrado daqueles que não aceitavam a emergência de uma nova estrutura jurídico-política de corte democrático, liberal, plural e republicana, em substituição ao *Reich* guilhermino. Com graus de aglutinação diferenciado mas crescente estas forças atuaram desde os primeiros dias no sentido de combater a República. Este texto propôs adentrar na lógica de funcionamento destas forças localizadas à direita autoritária conservadora e como chegou em seu momento a configurar o NSDAP, o seu momento de ascensão ao poder e as estratégias de manter-se nele.

Este artigo explicitou os eixos de sustentação indispensáveis para que fosse possível a ascensão do nazi-fascismo e, à partida, um dos assinalados foi o consórcio entre as forças da direita autoritária e conservadora com o mundo do capital e o empresariado. É de extrema importância o compartilhamento público desta percepção para que mantenhamos acesa a chama do cuidado com a democracia, que entre os seus maiores inimigos contemporâneos encontra precisamente as novas formas históricas de configuração do fascismo, consideradas as novas variações tipológicas hábeis ao disfarce.

É notável a importância histórica de que seja ampliado o conhecimento dos instrumentos utilizados para alimentar o fortalecimento de organizações políticas avessas à democracia. O avanço qualitativo da compreensão do quadro em que tais forças políticas avançam pode ser percebido em Weimar quando do enfrentamento da depressão econômica no final da década de 1920. Este evento colaborou intensamente não apenas para a destruição do regime republicano, mas para a posterior consolidação do nazifascismo, muito embora, na sequência, o regime tivesse sabido aplicar oportunamente as medidas econômicas contracíclicas, alocando recursos e realizando investimentos estatais na construção de vias públicas como as *Autobahn*, para reverter em grande parte as consequências da crise que Weimar não enfrentara eficientemente.

A reflexão sobre períodos de crise como a enfrentada por Weimar suscita projetar os recursos político-econômicos mais eficientes para enfrentá-las, e no caso do regime nazifascista a opção foi por uma forte intervenção e regulamentação da economia. Este movimento foi realizado sob a orientação de favoreceras grandes indústrias alemãs, que deram amplo e irrestrito suporte ao regime, assim como também ao NSDAP e às Forças Armadas (cf. CAMPERRICH BRAVO, 2014, p. 36), demonstrando a íntima associação entre o capital, as grandes empresas, seus proprietários e as altas figuras do regime e as políticas por ele adotadas.

A grande aproximação e intervenção na esfera econômica por parte do nacional-socialismo colocou as condições de possibilidade para um capitalismo de Estado, que ocorreu à sombra do ataque decisivo à política de corte liberal e parlamentar, virtualmente exterminada. O parlamentarismo democrático era entendido como espaço de disputa e mediação de conflitos, operados por partidos políticos, sob cenário que reúne seus atores em torno tanto às disputas internas como públicas, assim como de sua intervenção no espaço político-parlamentar e nas instituições.

Foi extremamente importante para que o regime ascendesse ao poder e nele se mantivesse o conjunto de estratégias em torno à cultura e a propaganda. Neste artigo sugerimos a alta influência das mensagens ideológicas e culturais operadas pelo regime nazifascista, que dinamizou as condições para fomentar o desapareço popular pela República de Weimar e suas ineficiências,

maximizando a ultimação de seu processo corrosivo, favorecendo a instituição da violência como método e o caos como resultado.

A queda da República de Weimar foi trabalhada desde os primeiros momentos para a implementação política de regime autoritário. Instalado, o nazi-fascismo trafegou por trilha conceitualmente bem pavimentada rumo à homogeneização sob a guia orientadora do racionalismo mais estreito e criminoso, o que pressupôs o caso da política operada em sua acepção plural e democrática. Na Alemanha da década de 1930 a expansão do fenômeno homogeneizador foi concebida a partir da liquidação física dos inimigos do regime, oposição em que o nacional-socialismo incluía prioritariamente os partidos “marxistas” e os grupos “burgueses”, todos deslocados da vida política rapidamente pela mais radical versão da extrema-direita. Os avanços nesta área contaram com as omissões históricas de massa considerável com as conhecidas trágicas consequências, sendo notável a importância da disseminação da plena consciência acerca do alto impacto da omissão política no processo de alimentação das forças nazi-fascistas.

Este texto sugeriu que os movimentos radicais que desembocaram no totalitarismo foram precedidos por sólidos e exitosos esforços de intervenção no mundo da cultura, passos prévios que foram aprofundados após a ascensão ao poder. A consolidação do poderio político e do próprio regime nazi-fascista dependeu de sua intervenção e perfeito domínio na área cultural, esfera de apoio imprescindível para o desenvolvimento do projeto totalitário que aplicou imensos recursos para colonizar mentes e corações. Ao fazê-lo o objetivo era estabelecer o mais eficaz controle possível, a saber, aquele exercido através da motivação dos próprios indivíduos.

É preciso analisar continuamente os diversos aspectos das estratégias de domínio do regime nacional-socialista que inviabilizaram o livre exercício da liberdade de expressão e a pluralidade em quaisquer de suas dimensões, que comprometeram um sistema democrático e apoiaram de forma relevante, por ação ou omissão, a eclosão de um regime antidemocrático. Este texto visou sublinhar alguns dos mais importantes aspectos do nazi-fascismo clássico cuja possibilidade de rebrote sempre deve ser considerada pelas novas gerações, que não encontrarão em nenhum momento o terreno sólido e estabelecido, dotado de plenas garantias completas

bem acabadas, senão o contrário, pois a democracia e as liberdades remetem a um contínuo processo de reconstrução que deve estar perpassado das mais eficientes estratégias para combater o velho mal em suas novas formas de aparição.

Ao mobilizar diversas categorias e conceitos, ademais de referenciais históricos da República de Weimar e as estratégias para a sua desconstrução utilizadas pela direita autoritária conservadora, acreditamos ter cumprido o objetivo do texto de disponibilizar elementos para a reflexão que inspirem decididas ações reativas a regimes autoritários e fascistas de qualquer modelo e tom.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHAM, David. *The Collapse of the Weimar Republic: Political Economy and Crisis*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2019. 352 p.

ADAM, Peter. *El arte en el Tercer Reich*. Barcelona: Tusquets, 1992. 332 p.

AGAMBEN, Giorgio. *O que Resta de Auschwitz*. São Paulo: Boitempo, 2008. 168 p.

BACH, Steven. *Leni: The Life and Work of Leni Riefenstahl*. New York: Knopf, 2007. 400 p.

BARRON, Stephanie. 1937: Modern Art and Politics in Prewar Germany. In: BARRON, Stephanie. (Ed.). *Degenerate Art: The Fate of the Avant-Garde in Nazi Germany*. Los Angeles: Los Angeles County Museum of Art, 1991a. P. 9-23.

_____. *Degenerate Art: The Fate of the Avant-Garde in Nazi Germany*. New York: Harry N. Abrams, 1991b. 423 p.

BARRON, Stephanie; ECKMANN, Sabine (eds.); FUHRMEISTER, Christian; HOLZ, Keith; HUYSEN, Andreas. (Contributors). *New Objectivity: Modern German Art in the Weimar Republic 1919-1933*. New York: Prestel, 2015. 360 p.

BAUMAN, Zigmund. *Modernidade e Holocausto*. Traduzido por Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998. 266 p.

BENDERSKY, Joseph W. *A Concise History of Nazi Germany*. 3th edition. Lanham, MA: Rowman & Littlefield, 2007. 227 p.

BILLETER, Felix. *Kunsthändler, Sammler, Stifter (Schriften Der*

Forschungsstelle Entartete Kunst). Berlin: De Gruyter, 2017. 430 p.

BLANC, Carlos Aguilar. Los orígenes iusnaturalistas de la filosofía jurídica nacional-socialista en la obra política escrita de Adolf Hitler y Alfred Rosenberg. *Revista Internacional de Pensamiento Político*. I Época. Vol. 8, p. 187-210, 2013. Disponível em: <http://rabida.uhu.es/dspace/bitstream/handle/10272/8241/Los_origenes_ius_naturalistas.pdf?sequence=2>. Acesso em: 12 de março de 2019.

BLÁZQUEZ RUIZ, F. Javier. Pensamientos biológicos del derecho nacionalsocialista. In: BLÁZQUEZ RUIZ, F. Javier. *Nazismo, Derecho, Estado*. Madrid: Dykinson, 2014. P. 85-117. 284 p. Disponível em: <https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/9958/1/Doxa_29_05.pdf>. Acessível em: 23 de maio de 2019.

BRADY, Robert. The National Chamber of Culture ('Reichskulturkammer'). In: BRANDON, Taylor; WILL, Wilfried van der. (Eds.). *The Nazification of Art: Art, Design, Music, Architecture and Film in the Third Reich*. Winchester: Winchester Press, 1990.

BRILLIANT GRAPHICS: Direitos Autorais. Criador: Bob Tursack. Informações extraídas do IPTC Photo. Metadata. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=Entartete+Kunst+photo&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=VO7I2JqlrZKqAM%253A%252C09UWZJqep2X5SM%252C_&vet=1&usg=AI4_-kTSNMnmFkYha74d9WhBo37UkdDEgw&sa=X&ved=2ahUKEwj23oO_0cziAhULH7kGHQgWAEgQ9QEwBHoECAUQDA#imgsrc=VO7I2JqlrZKqAM:&vet=1>. Acesso em: 12 de maio de 2019.

BUENO, Roberto. *Francisco Campos*. Brasília: Editora do Senado Federal, 2019. 337 p.

BURLEIGH, Michael. *The Third Reich: A New History*. New York: Hill and Wang, 2000. 996 p.

CAMPDERRICH BRAVO, Ramón. Poder, ideología y derecho en el régimen Nazi: una visión de conjunto. In: BLÁZQUEZ RUIZ, F. Javier. *Nazismo, Derecho, Estado*. Madrid: Dykinson, 2014. P. 29-51. 284 p.

CONFINO, Alon. *Um mundo sem judeus: da perseguição ao genocídio, A visão do imaginário nazista*. São Paulo: Cultrix, 2016. 312 p.

Degenerate Art: The Attack on Modern Art in Nazi Germany 1937. March 13, June 30, 2014. Disponível em: <https://prestelpublishing.randomhouse.de/leseprobe/Degenerate-Art/leseprobe_9783791353678.pdf>. *Neue Galerie*. Museum for German and Austrian Art. New York. Acesso em: 2 de janeiro de 2019.

DINER, Dan. *Beyond the Conceivable: On Germany, Nazism, and the Holocaust.* (Weimar and Now: German Cultural Criticism). Berkeley, Los Angeles: University of California Press, 2006. 290 p.

DINIZ, Tailor. A sobrevivente A21646. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017. 183 p.

EDITORS, Charles River. *Germany Between the World Wars: The History and Legacy of the Weimar Republic and Nazi Germany in the Interwar Period.* Scotts Valley, Califórnia, EUA: Createspace Independent Publishing Platform, 2018. 188 p.

EVANS, Richard J. *A chegada do Terceiro Reich.* 2ª. ed. São Paulo: Planeta, 2014. 672 p.

_____. *The German Working Class 1888-1933: The Politics of Everyday Life: Volume 11.* London: Routledge, 2019. 260 p.

EYCK, Erich; HANSON, Harlan P. *A History of the Weimar Republic.* Volume I: From the Collapse of the Empire to Hindenburg's Election. Massachussets: Harvard University Press, 1962. 384 p.

FORSTHOFF, Ernst. The Total State. In: JACOBSON, Arthur J.; SCHLINK, Bernhard. (Eds.). *Weimar: A Jurisprudence of Crisis.* Berkeley & Los Angeles: University of California Press, 2000. P. 320-322. 405 p.

FRIEDLÄNDER, Saul. *El Tercer Reich y los judíos (1933-1939).* Los años de persecución. Traducción de Ana Herrera. Madrid: Galaxia Gutenberg; Círculo de Lectores. 2009a. 610 p.

_____. *El Tercer Reich y los judíos (1939-1945).* Los años del exterminio. Traducción de Ana Herrera. Madrid: Galaxia Gutenberg; Círculo de Lectores. 2009b. 1.136 p.

_____. Crítica: los libros de la semana: Historia de una psicosis colectiva. El País. Babelia. Disponível em: <https://elpais.com/diario/2010/01/09/babelia/1262999538_850215.html>. Acesso em: 2 de junho de 2019.

FRIEDERICHS, Hauke; BARTH, Rüdiger. *The Gravediggers: The Last Winter of the Weimar Republic.* London: Profile Books; Edição: Main, 2019. 400 p.

FRITZSCHE, Peter. *De alemanes a nazis: 1914-1933.* Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2006. 257 p.

FULDA, Bernhard. *Press and Politics in the Weimar Republic.* Oxford: Oxford University Press, 2009. 344 p.

FULDA, Bernhard; SOIKA, Aya. Emil Nolde and the National Socialist

- Dictatorship. In: PETERS, Olaf. *Degenerate Art: The Attack on Modern Art in Nazi Germany, 1937*. München: Prestel, 2014. P. 186-195. 320 p.
- GARCÍA AMADO, Juan Antonio. *La lista de Schindler*. Madrid: Tirant lo Blanch, 2003. 82 p.
- GAY, Peter. *Weimar Culture: The Outsider as Insider*. New York: W. W. Norton & Company, 240 p.
- GORDON, Mel. *Voluptuous Panic: The Erotic World of Weimar Berlin*. Port Townsend, WA: Feral House, 2008. 300 p.
- GRAMSCI, Antonio. Que es la reacción? Avanti!, Ed. Piamontesa, 24 de novembro de 1920. In: SANTARELLI, Enzo. *Sobre El fascismo*. Roma: Riuniti, 1979.
- _____. La crisis de la pequeña burguesía. *L'Unità*. 02 de julho de 1924. In: SANTARELLI, E. *Sobre El fascismo*. 1979, p. 151-153.
- GRATIZ, Alan. *Prisioneiro B-3087*. São Paulo: Ática, 2013. 180 p.
- GUERIN, Daniel. *Fascismo y gran capital*. Madrid: Fundamentos, 1973. 444 p.
- HASSEMER, Winfried. História das Idéias Penais na Alemanha do Pós-Guerra. *Revista Pensar*. (Fortaleza). Vol. 4, no. 4, p. 5-50, jan., 1996.
- HAUG, Ute; STEINKAMP, Maike. *Werke und Werte: Über das Handeln und Sammeln von Kunst im Nationalsozialismus* (Schriften der Forschungsstelle "Entartete Kunst" 5). Berlin: De Gruyter Akademie Forschung, 2012. 257 p.
- HERNÁNDEZ, Claudio. El régimen de los alemanes: historia de las actitudes sociopolíticas durante el nazismo. In: BLÁZQUEZ RUIZ, F. Javier. *Nazismo, Derecho, Estado*. Madrid: Dykinson, 2014. P. 157-181. 284 p.
- HETT, Benjamin Carter. *The Death of Democracy: Hitler's Rise to Power and the Downfall of the Weimar Republic*. New York: St. Martin's Griffin, 2019. 320 p.
- HENIG, Ruth. *The Weimar Republic 1919-1933*. New York: Routledge, 2002. 87 p.
- HITLER, Adolf. *Minha luta*. São Paulo: Centauro, 2016. 508 p.
- JÄCKEL, Eberhard. *La concezione del mondo di Hitler*. Progetto di un dominio assoluto. Milán: Longanesi, 1972. 182 p.
- JASPERS, Karl. *El problema de la culpa*. Sobre la responsabilidad política de Alemania. Barcelona: Paidós, 1998. 136 p.

- JENSEN, Erik. *The Weimar Republic*. London: Routledge; 2019. 216 p.
- JONES, Larry Eugene. The German Right in the Weimar Republic: New Directions, New Insights, New Challenges. (Introduction). In: JONES, Larry Eugene. (Ed.). *The German Right in the Weimar Republic: Studies in the History of German Conservatism, Nationalism, and Antisemitism*. Oxford, New York: Berghahn Books, 2014a. 342 p.
- _____. (Ed.). *The German Right in the Weimar Republic: Studies in the History of German Conservatism, Nationalism, and Antisemitism*. Oxford, New York: Berghahn Books, 2014b. 342 p.
- KAES, Anton; JAY, Martin; DIMENDBERG, Edward. (Ed.). *The Weimar Republic Sourcebook*. (German Cultural Criticism). Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 1995. 830 p.
- KASSOW, Samuel D. *Quem escreverá nossa história: os arquivos secretos do Gueto de Varsóvia*. Traduzido por Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. 584 p.
- KATER, Michael H. *Culture in Nazi Germany*. New Haven & London: Yale University Press, 2019. 472 p.
- KERSHAW, Ian. *La dictadura nazi*. Problemas y perspectivas de interpretación. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2006. 438 p.
- _____. *O fim do Terceiro Reich: A destruição da Alemanha de Hitler, 1944-1945*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. 689 p.
- _____. *De volta do inferno: Europa, 1914-1949*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. 666 p.
- KLEMPERER, Viktor. *LTI. A linguagem do Terceiro Reich*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009. 424 p.
- KOLB, Eberhard. *The Weimar Republic*. London; New York: Routledge, 2005. 304 p.
- KONIG, Nanette Blitz. *Eu Sobrevivi ao Holocausto*. São Paulo: Universo dos Livros, 2015. 192 p.
- KOONZ, Claudia. *The Nazi Conscience*. Cambridge, Mass.; London, UK: The Belknap Press of Harvard University Press, 2005. 362 p.
- KRIER, Leon; STERN, Robert A. M. *Albert Speer: Architecture 1932-1942*. New York: The Monacelli Press, 2013. 272 p.
- KRUEDEUNER, Jürgen von. *Economic Crisis and Political Collapse: The Weimar Republic 1924-1933*. Oxford: Berg Publishers, 1990. 192 p.
- LEVI, Primo. *É isto um homem?* Rio de Janeiro: Rocco, 2019. 256 p.

- LEVI, Primo; BENEDETTI, Leonardo de. *Assim foi Auschwitz*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. 280 p.
- LOEWENSTEIN, Karl. *Hitler's Germany*. The Nazi Background to War. New York: The MacMillan Company, 1944. 230 p.
- LÖWY, Michael. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. *Serv. Soc. Soc.*, São Paulo, n. 124, p. 652-664, out./dez. 2015, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sssoc/n124/0101-6628-sssoc-124-0652.pdf>>. Acesso em: 1º de junho de 2019.
- LÜTTICHAU, Mario-Andreas von. Crazy at any price. The Pathologizing of Modernism in the Run-up to the “Entartete Kunst” Exhibition. In: PETERS, Olaf. *Degenerate Art: The Attack on Modern Art in Nazi Germany, 1937*. München: Prestel, 2014. P. 36-51. 320 p.
- MARCUSE, Herbert. Prefácio. In: NEUMANN, Franz. *Estado democrático e Estado autoritário*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1969. P. 7-10. 329 p.
- MARQUARDT, Bernd. Los jueces del Estado anti-constitucional: ¿es cierta la hipótesis de Radbruch según la cual el positivismo jurídico hubiera cegado éticamente a los jueces alemanes de la época nazi? *Pensamiento Jurídico*. No. 41, Enero–Junio, p. 15-82, 2015.
- McELIGOTT, Anthony. *Rethinking the Weimar Republic: Authority and Authoritarianism, 1916-1936*. New York: Bloomsbury Academic; 2013. 386 p.
- MEHRING, Reinhard. Introduction. In: JACOBSON, Arthur J.; SCHLINK, Bernhard. (Eds.). *Weimar: A Jurisprudence of Crisis*. Berkeley & Los Angeles: University of California Press, 2000. P. 313-322. 405 p.
- MEIERHENRICH, Jens; SIMONS, Oliver. (Ed.). *The Oxford Handbook of Carl Schmitt*. Oxford: Oxford University Press, 2016. 828 p.
- MICHAUD, Eric. *The Cult of Art in Nazi Germany*. Palo Alto, CA: Stanford University Press, 2004. 368 p.
- MOMMSEN, Hans. *Alternatives to Hitler*. German resistance under the Third Reich. London, New York: I. B. Tauris, 2003. 313 p.
- MORRIS, Warren B. *Weimar Republic & Nazi Germany*. New York: Rowman & Littlefield Publishers, 1982. 400 p.
- MURRAY, Bruce. *Film and the German Left in the Weimar Republic: From Caligari to Kuhle Wampe*. Austin, TX: University of Texas Press, 2010. 303 p.
- NEAMAN, Elliot Y. *A Dubious Past: Ernst Jünger and the Politics of Literature After Nazism*. (Weimar and Now: German Cultural Criticism).

- Berkeley, Los Angeles: University of California Press, 1999. 329 p.
- NEUMANN, Franz. *Estado democrático e Estado autoritário*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1969. 329 p.
- NOAKES, J.; PRIDHAM, G. *Nazism: 1919-1945*. 2. State, Economy and Society: 1933-1939. Exeter, Devon: University of Exeter Press, 1997. 609 p.
- _____. *Nazism: 1919-1945. The Rise to Power 1919-1934*. Exeter, Devon: University of Exeter Press, 2010. 206 p.
- PETERS, Olaf. *From Nordau to Hitler*. “Degeneration” and Anti-Modernism Between the Fin-de-Siècle and the National-Socialist Takeover of Power. In: PETERS, Olaf. *Degenerate Art: The Attack on Modern Art in Nazi Germany 1937*. München: Prestel, 2014a. P. 16-35. 320 p.
- _____. Introduction. In: PETERS, Olaf. *Degenerate Art: The Attack on Modern Art in Nazi Germany 1937*. München: Prestel, 2014b. P. 12-15. 320 p.
- PEUKERT, Detlev J. K. *The Weimar Republic: The Crisis of Classical Modernity*. New York: Hill and Wang, 1993. 360 p.
- POGGIO, Pier Paolo. *Nazismo y revisionismo histórico*. Tres Cantos (Madrid): Akal, 2006. 249 p.
- PREUSS, Lawrence. Punishment by Analogy in National Socialistic Penal Law. *Journal of Criminal Law and Criminology*. Volume 26, Issue 6, March-April, Article 4, p. 847-856, Spring, 1936. Disponível em: <<https://scholarlycommons.law.northwestern.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=2606&context=jclc>>. Acesso em: 28 de abril de 2019.
- RABINBACH, Anson. *In the Shadow of Catastrophe: German Intellectuals Between Apocalypse and Enlightenment*. (Weimar and Now: German Cultural Criticism). Berkeley, Los Angeles: University of California Press, 2001. 252 p.
- RAJCHMAN, Chil. *Eu sou o último judeu: Treblinka (1942-1943)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. 152 p.
- REES, Laurence. *O Holocausto: Uma nova história*. São Paulo: Vestígio, 2018. 608 p.
- RIEFENSTAHL, Leni. *Memorias*. Barcelona: Lumen Editorial, 2013. 924 p.
- _____. *Behind the Scenes of the National Party Convention Film*. Chicago: International Historic Films, Inc., 2014. 111 p.
- RIEFENSTAHL, Leni; BERLIOUX, Monique. *Olympia*. New York: St

Martins Pr., 1994. 287 p.

ROSENBERG, Alfred. *Diarios: 1934-1944*. Buenos Aires: Crítica, 2015. 768 p.

SANTOS, José Antonio. *Filosofía del Derecho Penal, Positivismo Jurídico, Eugenesia en la República de Weimar*. In: BLÁZQUEZ RUIZ, F. Javier. *Nazismo, Derecho, Estado*. Madrid: Dykinson, 2014. P. 119-155. 284 p.

SCHLENKER, Ines. *Defining National Socialist Art. The First “Grosse Deutsche Kunstausstellung” in 1937*. In: PETERS, Olaf. *Degenerate Art: The Attack on Modern Art in Nazi Germany, 1937*. München: Prestel, 2014. P. 90-105. 320 p.

SCHLESAK, Dieter. Capesius. *O farmacêutico de Auschwitz*. São Paulo: Bertrand Brasil, 2015. 32 p.

SCHLOSS, Eva. *Depois de Auschwitz*. São Paulo: Universo dos livros, 2013. 304 p.

SEGADO, Carmelo Jiménez. *Carl Schmitt y las ideas penales de la Escuela de Kiel*. *ADPCP*, Vol. LXII, 2009. Disponível em: <https://www.boe.es/publicaciones/anuarios_derecho/abrir_pdf.php?id=AN U-P-2009-10045100482_ANUARIO_DE_DERECHO_PENAL_Y_CIENCIAS_PENALES_Carl_Schmitt_y_las_ideas_penales_de_la_Escuela_de_Kiel>. Acesso em: 23 de março de 2019.

SHIRER, William L. *The Rise and Fall of the Third Reich*. New York: Simon & Schuster, 1960. 1280 p.

SPEER, Albert. *Inside the Third Reich*. New York: Simon & Schuster, 1997. 672 p.

SPOTTS, Frederic. *Hitler y el poder de la estética*. Madrid: Scherzo Fundación; Machado Libros, 2011. 537 p.

STEINER, Jean-Franco. *Treblinka*. Traduzido por Christiano Monteiro Oiticica. São Paulo: Círculo do Livro, 1994. 418 p.

STOLLEIS, Michael. *The Law under the Swastika*. Studies on Legal History in Nazi Germany. Chicago: The University of Chicago Press, 1998. 263 p.

TOEPFER, Karl. *Empire of Ecstasy: Nudity and Movement in German Body Culture, 1910-1935*. (Weimar and Now: German Cultural Criticism). Berkeley, Los Angeles: University of California Press, 1997. 439 p.

TOGLIATTI, Palmiro. *Lições sobre o fascismo*. São Paulo: Livraria e Editora Ciências Humanas, 1978. 137 p.

TRIVIÑO, José Luis Pérez. El Holocausto y la responsabilidad: altruismo limitado y dilemas trágicos. *Doxa: Cuadernos de Filosofía del Derecho*. Núm. 29, p. 93-107, 2006.

_____. Obediencia y nazismo: psicología, racismo y miedo. In: BLÁZQUEZ RUIZ, F. Javier. *Nazismo, Derecho, Estado*. Madrid: Dykinson, 2014. P. 53-83. 284 p. Disponible em: <https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/9958/1/Doxa_29_05.pdf>.

Acessível em: 23 de maio de 2019.

VILLEGAS, María Cristina Osorio. Arte, música y cine en los años del nacionalsocialismo alemán: Entre lo puro y lo degenerado. *Historia y Sociedad*. Medellín, Colombia. No. 27, p. 189-210, julio-diciembre, 2014. Disponible em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/hiso/n27/n27a08.pdf>>.

Acesso em: 2 de maio de 2019.

WASENSTEINER, Lucy. *The Twentieth Century German Art Exhibition: Answering Degenerate Art in 1930s London* (Routledge Research in Art Museums and Exhibitions). London: Routledge, 2018. 246 p.

WEALE, Adrian. *The SS: A New History*. London: Little, Brown, 2010. 448 p.

WEBB, Chris; CHOCHOLATÝ, Michal. *The Treblinka Death Camp: History, Biographies, Remembrance*. New York: Columbia University Press, 2019. 400 p.

WEITZ, Eric D. *Weimar Germany: Promise and Tragedy*. Princeton and Oxford: Princeton University Press, 2009. 425 p.

ZUSCHLAG, Christoph. “Chambers of Horrors of Art” and “Degenerate Art”: On Censorship in the Visual Arts in Nazi Germany. In: CHILDS, Elizabeth. (Hrsg). *Suspended license: censorship and the visual arts*. Washington: University of Washington Press, 1997. 413 p.